



**Programa Amazônia:
Gestão sustentável de territórios contínuos na
Amazônia baseada nos direitos dos povos**

Projeto Gestão Territorial Yanomami

**Diagnóstico Socioambiental
da Região de Auaris**

Terra Indígena Yanomami

Boa Vista – RR

Dezembro de 2007

Sumário:

O presente documento apresenta o diagnóstico socioambiental, atividade do Projeto “Gestão Territorial Yanomami” da Comissão Pró-Yanomami (CCPY), que foi realizado no período de 05 à 17 de dezembro de 2008, na região de Auaris, Terra Indígena Yanomami.

A **primeira parte, item 1 “Introdução”** fala sobre contexto do projeto e comenta a equipe que trabalhou no diagnóstico e os métodos utilizados.

A **segunda parte** contextualiza a área e as populações envolvidas. O **item 2, “Contextualização da área”**, mostra a localização de Auaris, o contexto geográfico da região, o histórico de ocupação da área pelos Sanuma e Ye’kuana e a ocupação dos muitos não-indígenas.

Em seguida, no **item 3 “Os Sanuma e os Ye’kuana de Auaris”** o diagnóstico apresenta os dois povos que vivem em Auaris e a relação estabelecida entre eles. A grande concentração populacional e a composição das sub-regiões de Auaris é apresentada no **item 4 “População”**. Por último a segunda parte no **item 5** descreve a **“Situação Sócio-sanitária e educacional”** de Auaris.

A **terceira parte** do diagnóstico apresenta os **“Problemas diagnosticados”** (item 6) e as **“Conclusões e Recomendações”** para as atividades futuras do projeto.

Índice

1 – Introdução	6
1.1 – O Contexto do Programa Amazônia	6
1.2 – A equipe	6
1.3 - Métodos utilizados durante o diagnóstico	8
2 - Contextualização da área	14
2.1 - Localização da área.....	15
2.2 - O contexto geográfico da região de Auaris	15
2.3 – Histórico de Ocupação da região	17
2.4 - Ocupação e presença dos não-Yanomami (<i>setānapi tōpō</i>) e a sedentarização	20
3 - Os Sanuma e os Ye´kuana de Auaris	26
3.1 - Os Sanuma	26
3.2 - Os Ye´kuana	27
3.3 - Relação entre os Sanuma e os Ye´kuana	29
4 – População	36
4.1 – Histórico da distribuição demográfica e Análise de Dados	36

4.2 – A região de Auaris e as sub-regiões	39
4.2.1. Histórico	40
4.2.2. A área central: Auaris, Katonau, Kulapoipu e comunidades Ye'kuana.....	41
4.2.3. Os vales dos rios Walopiu e Õkopiú	43
4.2.4. O vale do rio Auaris a partir de Polapiú	45
4.2.5. Bacia do rio Kotaimatiú	46
4.3 - Atração da população Sanuma da Venezuela para Auaris	47
5 - Situação Sócio-sanitária e educacional	49
5.1 - Situação de Saúde	49
5.1.1. Malária	50
5.1.2 – Suicídios	51
5.2. Atividades educacionais	52
5.2.1. Sanuma: Escolas interrompidas	52
5.2.2. Ye'kuana e a luta antiga pela Educação	54
6 – Problemas diagnosticados	58
6.1 – Falta de terras para plantio	59
6.2 – Escassez de caça	60
6.3 - Dificuldade das mudanças	62
6.4 - Problemas apontados pelas populações locais	64

7 - Conclusões e Recomendações	67
7.1 - Apoiar a mudança de comunidades Sanuma da região central	68
7.2 – Apoiar ações de piscicultura em 4 aldeias de Auaris	71
7.3 – Apoiar o início de um processo de “adensamento” florestal	73
7.4 - Apresentação dos problemas e discussão com os Sanuma e os Ye’kuana	74
7.5 - Cronograma das implementações e ações imediatas	75
8 – Referências Bibliográficas	77
9 – Índice das ilustrações	81
10 – Agradecimentos	83

1 - Introdução:

1.1 – O Contexto do Programa Amazônia:

O projeto “Gestão Territorial Yanomami” faz parte de um programa maior denominado Programa Amazônia, onde também estão inseridos outros projetos realizados em áreas onde a Rainforest Foundation da Noruega têm parceiros. O projeto “Gestão Territorial Yanomami” pertence à área designada como “Corredor Norte”, com abrangência sobre os territórios Yanomami e Ye’kuana, tanto no lado brasileiro quanto venezuelano, na região de fronteira. O Programa Amazônia terá duração até 2010.

O objetivo do programa Amazônia é assegurar a gestão sustentável dos territórios protegidos contínuos na Amazônia, especificamente, no caso deste projeto, os territórios Yanomami e Ye’kuana no Brasil e na Venezuela, enfatizando ações transfronteiriças.

Nesse sentido, se propõe a promover a criação e a gestão integrada destes territórios e o fortalecimento institucional das comunidades e das associações indígenas envolvidas.

O Plano para 2007 apresentado pela CCPY prevê um estudo geral do cenário político da Venezuela que determinam a situação atual dos territórios Yanomami e Ye’kuana (condições para sua garantia) e um diagnóstico socioambiental da região de Auaris, Brasil, onde vivem os Yanomami (Sanuma) e Ye’kuana, com uma atuação mais direta na Terra Yanomami.

1.2 – A equipe:

A equipe que realizou o diagnóstico foi constituída de um geógrafo e também sócio-colaborador da CCPY – François Michel Le Tourneau, o presidente da CCPY e coordenador do projeto “Gestão Territorial Yanomami – Marcos Wesley de Oliveira e da antropóloga e assessora de campo do Programa de Educação da CCPY – Clarisse do Carmo Jabur. A equipe se

reuniu previamente em Boa Vista e fez uma reunião de planejamento do trabalho.



Foto 01: a equipe de *setānapi tōpō* do diagnóstico. Da esquerda para a direita: François Michel Le Tourneau, Clarisse Jabur e Marcos Wesley.

Um dia depois da chegada da equipe em Auaris foi realizada uma reunião com a participação de dezenas de lideranças Sanuma e Ye'kuana na Escola Estadual Indígena Helepe de Auaris. Também participaram representantes da MEVA – Missão Evangélica da Amazônia e da FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Na reunião foram estabelecidas diretrizes para o trabalho. Algumas pessoas foram indicadas para fazer parte das expedições a locais distantes de caça e de elaborar os mapas sub-regionais e um calendário de atividades foi proposto.

A equipe geralmente se dividiu nos trabalhos, mas também realizou algumas atividades em comum. As metodologias utilizadas foram entrevistas orais com os Sanuma e os Ye'kuana, expedições de campo com os Sanuma em locais de caçada, visitas às roças Sanuma e Ye'kuana. As entrevistas foram feitas individualmente ou em grupos, com tradução de Clarisse Jabur, falante da língua Sanuma. Também foram elaborados mapas com localização de roças novas, caminhos de caçada curtas e longas (*hinomo*), casas, rios, igarapés, serras, cachoeiras.

A equipe, com base nas informações coletadas com os Sanuma e Ye'kuana e na observação da realidade da região, definiu algumas sugestões que foram apresentadas na reunião final, realizada novamente com presença das lideranças Sanuma e Ye'kuana de quase todas as aldeias da região.

Foi realizadas filmagens por Marcos Wesley mostrando a experiência do diagnóstico. Estas filmagens, depois de editadas, será enviadas aos Sanuma e Ye'kuana.

É fundamental mencionar a intensa participação de lideranças tradicionais, mulheres, jovens, professores, agentes de saúde e de um representante da diretoria da Hutukara (Mateus Sanuma).

1.3 - Métodos utilizados durante o diagnóstico:

O objetivo da equipe de trabalho era a identificação dos problemas territoriais das diversas comunidades da região de Auaris. Algumas informações geográficas eram acessíveis aos pesquisadores antes do diagnóstico ser realizado em campo, especialmente dados produzidos pelas equipes de saúde (localização das comunidades desde 1999, estatísticas sobre saúde e demografia) tanto na época da URIHI – Saúde Yanomami¹ quanto no período recente, mapas topográficos (parciais) da região, imagens de satélite ou modelo digital de elevação da região de estudo.

Essas informações foram incorporadas num banco de dados geográficos sobre a área de estudo. Este continha os seguintes “layers”:

- imagens C-BERS2 CCD 178/96 adquiridas dia 23/9/2004 e imagens 179/95 e 179/96 adquiridas dia 21/2/2007; essas duas últimas abrangem a maior parte da área de estudo e foram transformadas num mosaico (veja figura 01);

¹ A URIHI – Saúde Yanomami é uma organização não-governamental que durante os anos de 2000 e meados de 2004 realizou a assistência à saúde em algumas regiões da Terra Yanomami, através de um convênio com a Funasa.

- mapa topográfico vetor na escala de 1:100 000 produzido pelo IBGE, abrangendo parte da área de estudo;
- modelo digital de elevação produzido pela missão STRM, do qual foram extraídas curvas de nível (veja mapa 02).

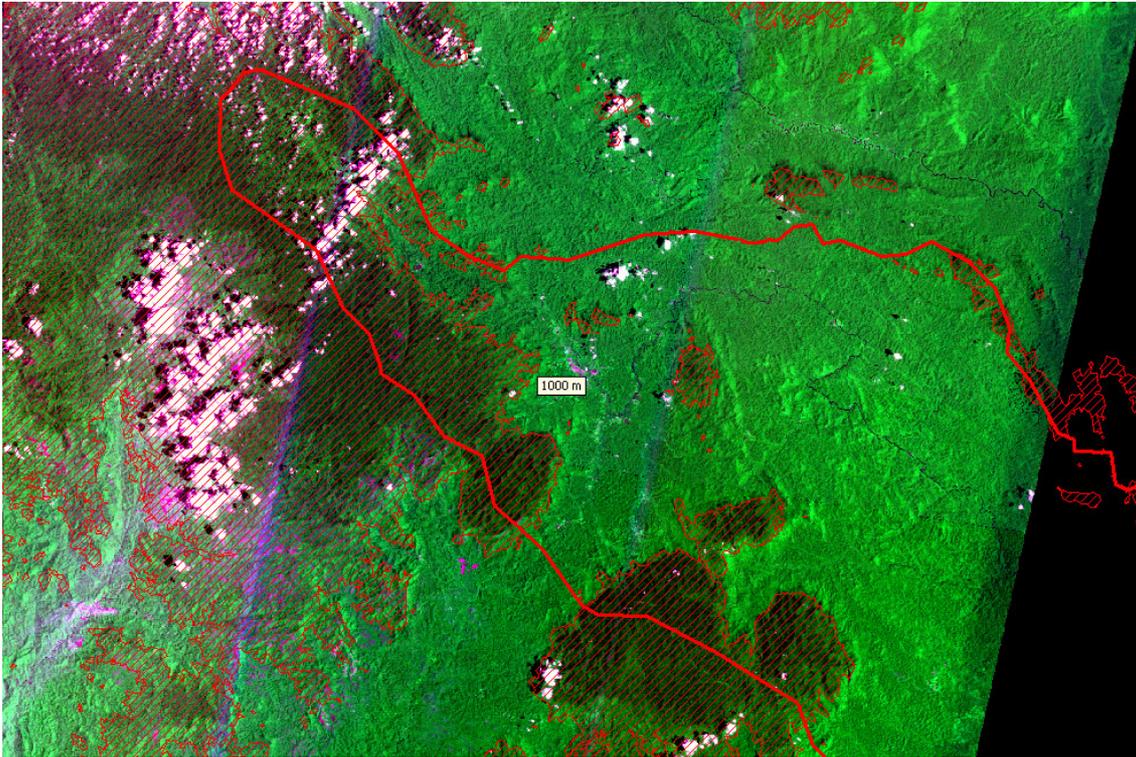


Figura 01: extrato do banco de dados geográficos montado para o diagnóstico: o mosaico de imagens C-CBERS2 da área de Auaris, a fronteira Brasil/Venezuela e as áreas cuja altitude é superior a 1000 metros (zonas em hachuras) (realização *François Michel Le Tourneau*).

Com base nesse banco de dados, algumas hipóteses foram levantadas e um plano de trabalho preliminar foi desenhado.

A parte de campo foi realizada na tentativa de atualizar as informações preliminares e de identificar as áreas de uso das diversas comunidades e os problemas relacionados a elas. Para atingir este último objetivo, a equipe de campo tentou complementar as informações levantadas durante entrevistas com a informação recolhida por meio de oficinas de etno-cartografia com a informação levantada em campo, acompanhando os Sanuma nas áreas de

caça por eles usadas. A seguir, apresentamos alguns comentários sobre cada uma dessas informações e sobre os métodos usados para levantá-las.

1. **Dados de entrevistas:** foram realizadas entrevistas livres e entrevistas semi-dirigidas, todas focalizadas sobre o tema do território. Nas entrevistas livres, as pessoas consultadas (lideranças de comunidades, mas também outras pessoas-chaves) expressaram livremente a sua opinião sobre a situação atual e as perspectivas de futuro na região. Nas entrevistas semi-dirigidas, a equipe de pesquisa procurava esclarecer pontos que foram levantados em outras conversas, confrontar as diversas opiniões, assim como localizar de maneira mais precisa todos os lugares que foram mencionados em outras conversas. As entrevistas, na maioria das vezes, foram realizadas com o auxílio das traduções da antropóloga Clarisse Jabur.



Foto 02: Marcos Wesley no barco voltando de uma reunião em Kolulu (foto *Clarisse do Carmo Jabur*).

2. **Oficinas de etno-cartografia:** a equipe de pesquisa organizou oficinas em todas as comunidades da região de Auaris, pedindo para que elas desenhassem o mapa dos seus territórios. As oficinas sempre congregavam ao mesmo tempo as lideranças, cujo saber territorial é maior, e jovens professores e agentes de saúde, que podiam ajudar a realizar o mapa, sendo mais

familiarizados com a escrita e os códigos de representação ligados com a cartografia. Observa-se que o processo sempre aconteceu de maneira muito natural, os Yanomami não apresentaram nenhuma dificuldade em identificar e representar o seu território.

Nos mapas, almejava-se representar a hidrografia, a localização da comunidade e a das comunidades vizinhas, assim como a de lugares de referência. Representavam-se também as áreas usadas para abrir roças, as áreas usadas para as caçadas cotidianas ou para as caçadas coletivas de longa duração e as áreas usadas para coleta de palha.

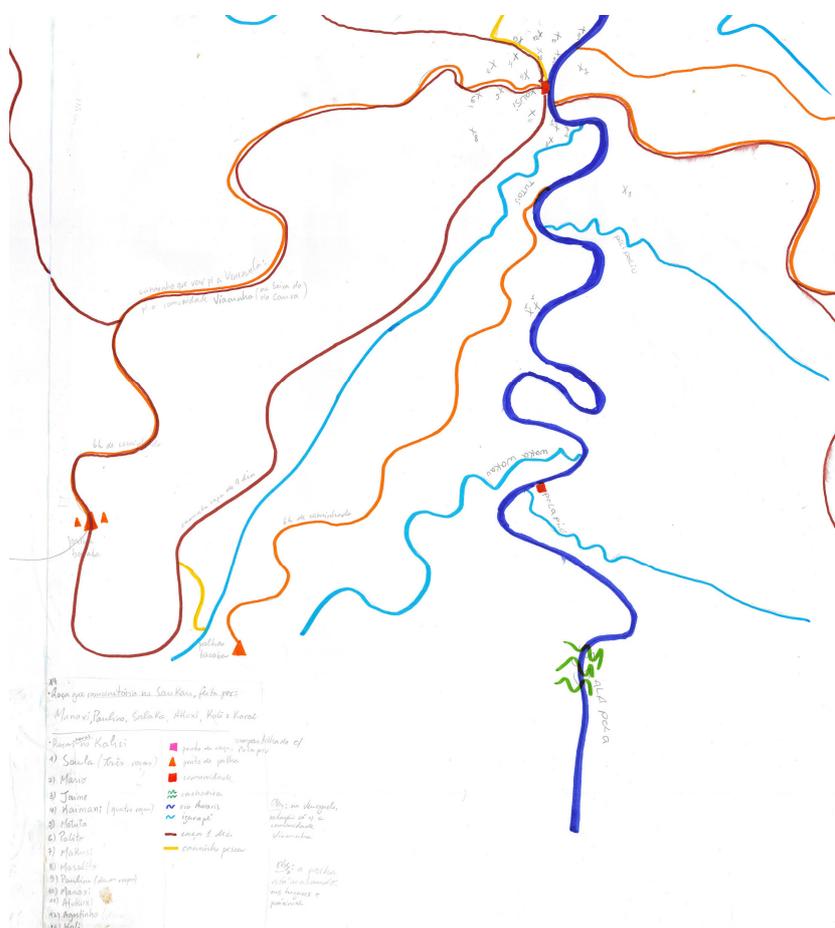


Figura 02: etnomapa desenhado pela comunidade de Kalisi.

Esses itens apareceram como os mais significantes depois de um diagnóstico preliminar realizado em Boa Vista a partir de entrevistas com lideranças da região, do conhecimento da antropóloga Clarisse Jabur, que

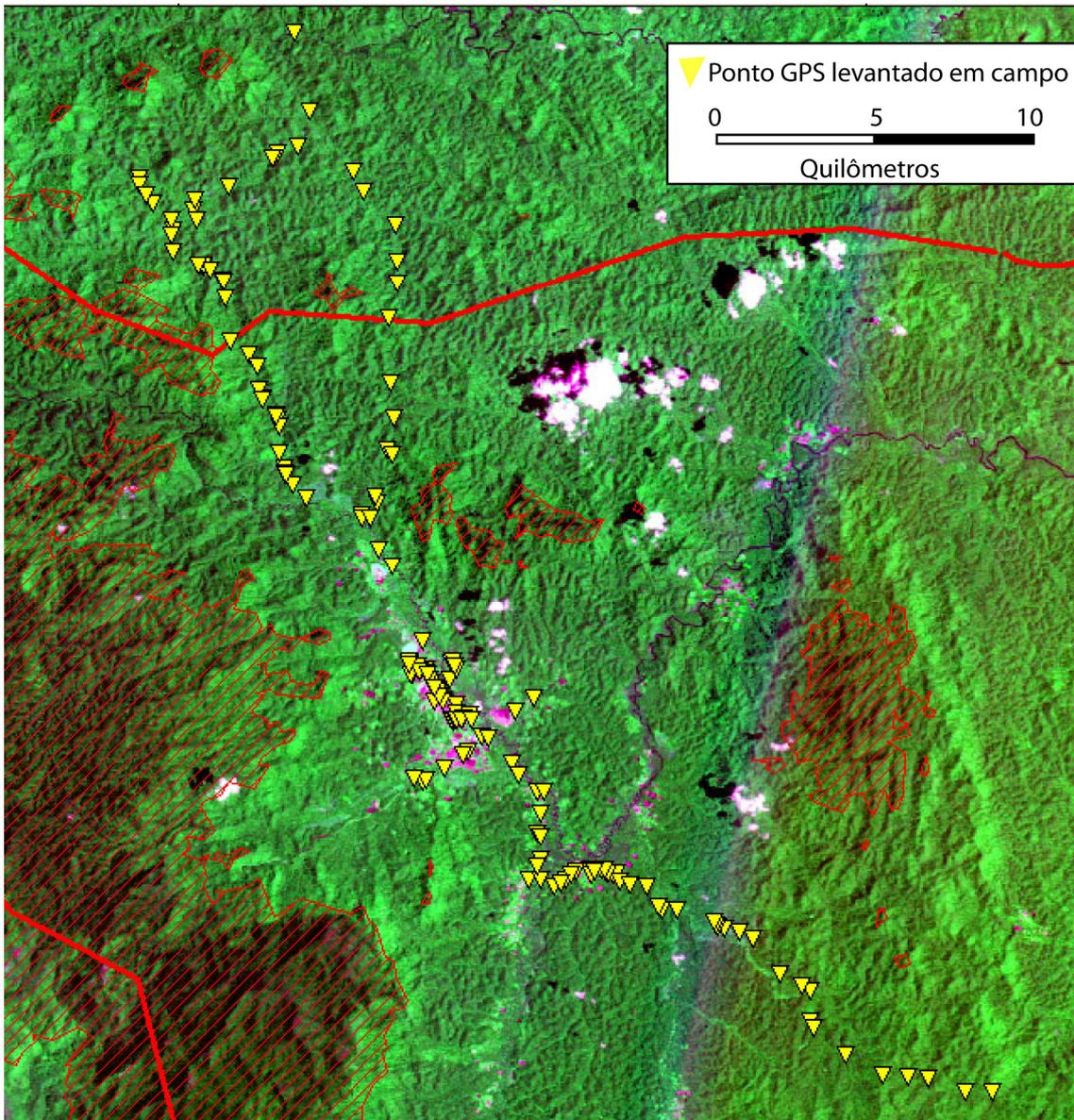
freqüente a região desde 2002 e da experiência da equipe de pesquisa que já atuou em várias regiões da Terra Indígena Yanomami.

3. **Levantamento em campo:** no intuito de poder localizar com precisão os elementos cartográficos levantados durante as oficinas de cartografia, e a fim de produzir um mapa final que seja próximo da realidade, buscou-se levantar pontos de GPS em várias das áreas apontadas durante as oficinas de cartografia, especialmente as áreas para caça coletiva (sendo uma queixa universal o grande afastamento dessas e a sua localização na Venezuela). Para tais fins, várias expedições foram organizadas, nas quais os pesquisadores foram guiados até os lugares por pequenos grupos de lideranças locais. Durante essas caminhadas, que incluíram pernoites na floresta, foram levantados dezenas de pontos descrevendo abrigos temporários, trilhas, e outros elementos permitindo de flagrar o uso do território pelos Sanuma.



Foto 03: acampamento durante uma expedição para reconhecer áreas de caça coletiva (foto François Michel Le Tourneau)

Todos os elementos recolhidos em campo foram plotados na nossa base cartográfica e projetados em cima de imagens C-BERS da região. Referências para o geoprocessamento incluíram pontos de GPS, mas também pontos de referência apontados pelos Sanuma e pelos Ye'kuana, tais como morros, pistas, usina do pelotão, etc.

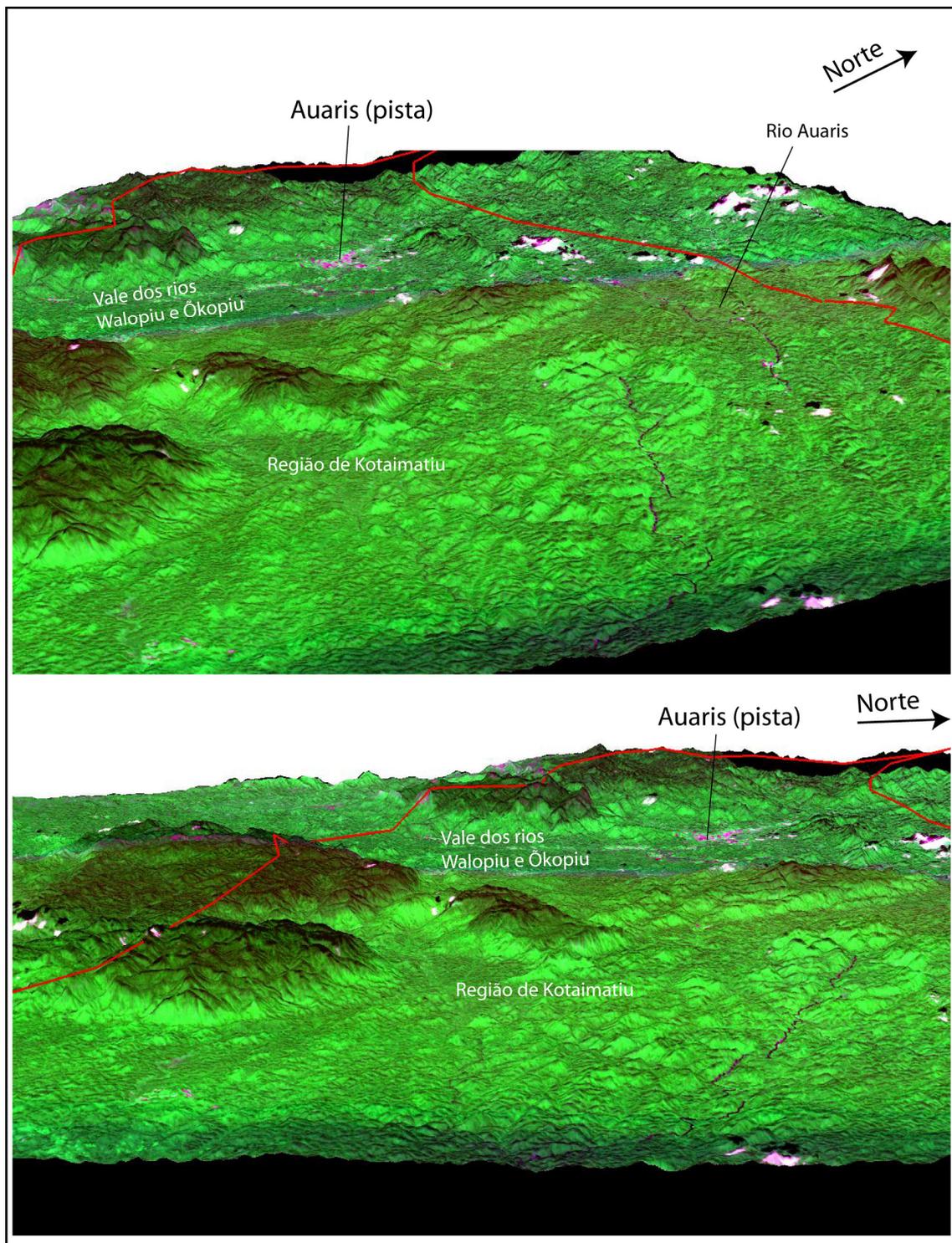


Mapa 01: pontos GPS coletados pela equipe em campo (realização *François Michel Le Tourneau*).

Com base nesses elementos, foi possível confirmar e entender melhor o discurso das populações locais a respeito do território por elas usado, e sobre as dificuldades encontradas.

2 - Contextualização da área:

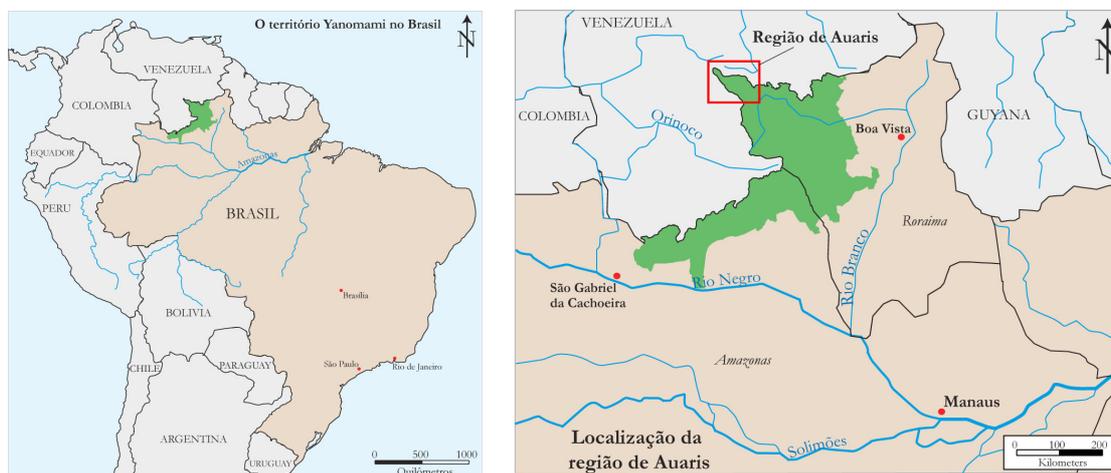
O contexto geográfico encontrado na região de Auaris configura uma complexa mistura de elementos topográficos, históricos e sociais.



Mapa 02: projeção em 3 dimensões da região de Auaris (realização *François Michel Le Tourneau*).

2.1 - Localização da área:

A região de Auaris localiza-se no Maciço das Guianas, configurando uma estreita ponta de território brasileiro avançando para o noroeste do estado de Roraima. Ele é uma das regiões da Terra Indígena Yanomami, localizada na zona fronteira entre o Brasil e a Venezuela. A região de Auaris depende administrativamente do município de Amajari, mas não tem vínculos com este, sendo administrada diretamente pelos habitantes, sob a tutela da FUNAI. Nela vivem comunidades da etnia Ye'kuana (falantes de língua do tronco Carib) e comunidades Sanuma (falantes de uma das 4 línguas da família lingüística Yanomami), muito mais numerosas.



Mapa 03: localização da Terra Indígena Yanomami e da região de Auaris (realização François Michel Le Tourneau).

2.2 - O contexto geográfico da região de Auaris:

O contexto topográfico constitui o cenário no qual desenvolvem as questões apontadas no diagnóstico.

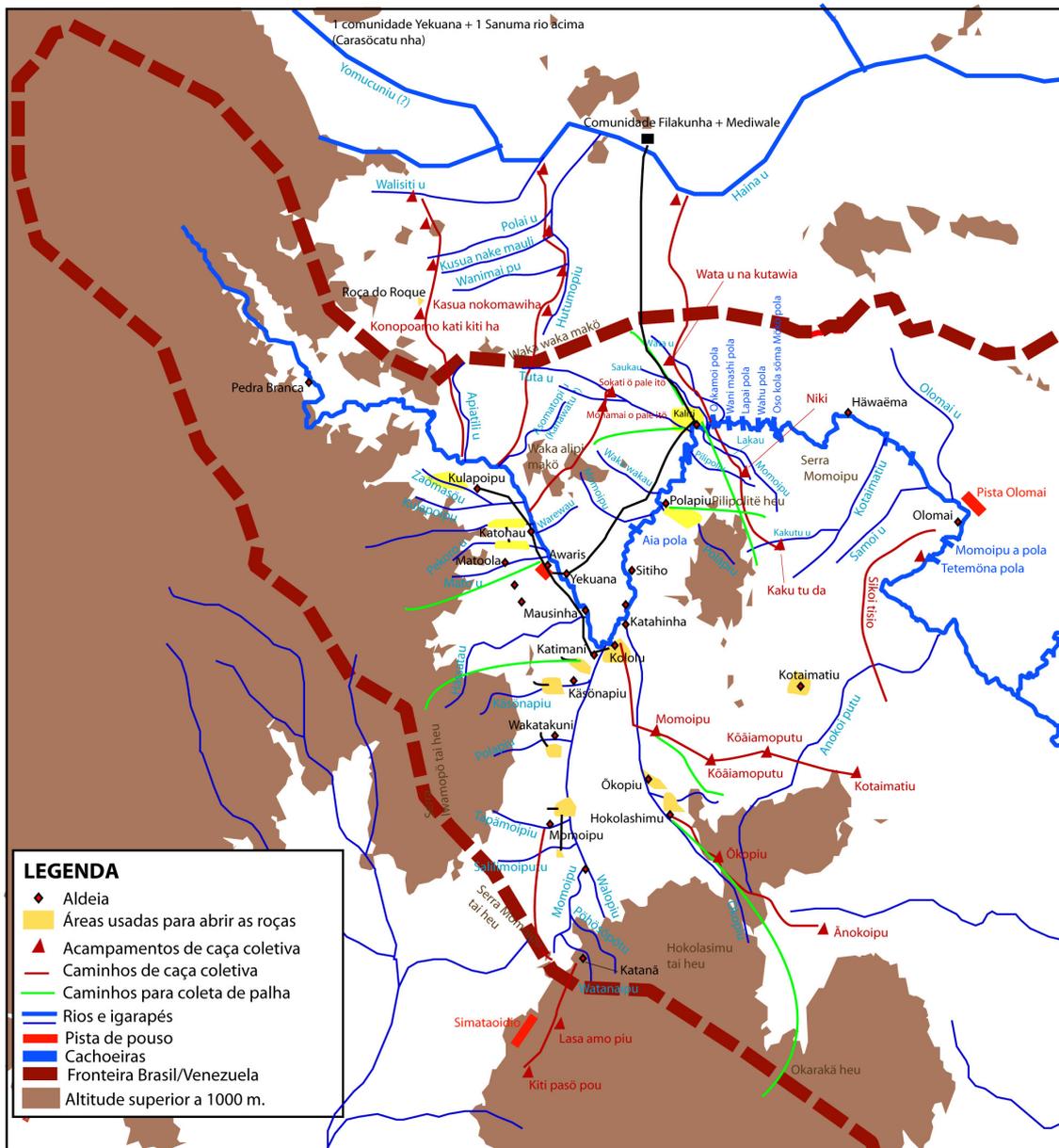
O rio Auaris cavou um estreito vale no substrato cristalino da serra Paracaima, cercado por áreas de relevo e algumas estruturas tabulares chamadas na Venezuela de *tepuis*. A altitude da região é sempre superior a 600 metros, sendo a pista de Auaris situada a aproximadamente 700 metros de

altitude. As serras que dividem o território brasileiro e o território venezuelano exibem, ao sul, altitudes superiores a 1000 metros, sendo a linha divisória um pouco mais baixa na parte norte, mais próxima de 950 metros.

Sendo de uma altitude mais elevada do que a maioria das regiões amazônicas, a região de Auaris apresenta um clima com nítidas diferenças. As temperaturas são em média mais baixas, podendo a noite cair para 10 graus. Esse fator explica diferenças na ecologia da região e nas plantas domésticas que puderam, ou não, ser adaptadas na região. O regime das chuvas é também mais regular por causa da presença do relevo, que interfere na circulação das nuvens e cria chuvas regulares de fim de tarde. Assim, a estação seca, que corre de outubro até fevereiro, é menos acentuada do que em outros lugares da Terra Indígena Yanomami. Ao mesmo tempo, também por causa do relevo abrupto, o nível dos igarapés e dos rios é sujeito a mudanças súbitas, podendo o rio Auaris subir de mais de um metro em poucas horas depois de chuvas fortes.

As áreas cuja altitude é superior a 1000 metros são apontadas como sendo áreas de difícil acesso e de pouca fartura em termo de caça. O esforço para o abastecimento das comunidades em carne precisa, portanto, focalizar-se em áreas mais baixas, que são encontradas ora ao norte, dentro do território venezuelano, ora ao leste da região de Auaris, na bacia do rio Kotaimatiu, ora ao sul, na região das cabeceiras dos rios Walopiu e Õkopiú. Em todos os casos, essas áreas são longe das aldeias e necessitam três ou quatro dias de viagem para serem atingidas.

Outro fator relacionado ao relevo é a presença das cachoeiras abaixo de Sitiho, que impedem a presença de peixes de grande porte na parte superior do rio Auaris ou nos seus afluentes, tais como os rios Walopiu e Õkopiú. As cachoeiras configuram também obstáculos difíceis para a navegação, dificultando bastante a comunicação entre a parte superior do vale do rio Auaris e a parte média, que começa a partir da aldeia de Polapiú. A cachoeira de Pedra Branca, por sua parte, dificulta a comunicação com a região dos nascentes do Auaris, explicando que só tenha uma aldeia de pequeno porte localizada nessa área.



Mapa 04: Mapa geral da região de Auaris, realizado a partir dos etnomapas de cada comunidade integrados no nosso banco de dados geográficos (realização *François Michel Le Tourneau*).

2.3 – Histórico de Ocupação da região:

Os fatores históricos que influem no contexto geográfico dizem respeito a antigüidade do povoamento da região. Auaris, originalmente, era ocupada pelos Ye'kuana. Mas, os Sanuma, em maior número, migraram para o norte e,

depois de vários conflitos² travados entre as duas etnias, ocuparam parte da região. Em Auaris também vivem Yanomami oriundos de várias regiões diferentes, do Brasil e da Venezuela.

A comunidade Fuduwadunha Auaris, localizada na margem esquerda do Rio Auaris (*Yawadeejudi*), foi criada em 1983. Segundo relatos dos próprios Ye'kuana, “há muito tempo atrás não tinha a Comunidade Ye'kuana fixo na região de Auaris como hoje, mas eram as suas linhas de passagens e reservas para seus lugares caça e pesca.

Aqui no lado da fronteira, muitas das vezes viajavam-se também pelos rios principais: Rio *Yawadeejudi* (Auaris), Rio *Fadiime* (Uraricoera e Branco) através das suas *kudiyada* (canoas) e deixavam seus familiares com certos tempos em suas comunidades que se situavam e se localizavam bem nesta região que se chamavam os lugares *Waadi'jödönha*, *Maijenha*, *Yaaki A'täinha*, *Tadamjaadunha* e outros, para fazer e conseguir as suas compras ou trocas com os outros produtos como facões, machados, miçangas, panelas de barros, redes de algodões com os outros povos que habitavam em *Fadiimeinha* (na região de lavrado) e atingiam até na *Ameenadinha* que fica na região das Guianas (hoje é a República Cooperativista da Guiana) para conseguir algo mais importante como armas de fogos que se chamavam naquele tempo *adaakujuusa* e tecidos vermelhos para fazer *wayuuku* (as tangas que usavam mais para aos masculinos, naquela época).

Um senhor de 60 ou 70 anos de idade chamado *Sedeewakijä*, fundou a comunidade Pedra Branca (*Tajäädedatonha*) na década de 30, onde permaneceu durante seis anos. Após disso, mudaram a comunidade *Tajäädedatonha* para um local logo abaixo que fica apenas de duas horas de viagem chamado *Adeedeinha*, onde ficaram quatro anos. Depois se mudaram novamente para um lugar chamado *Detuukwänha*, que fica abaixo da comunidade Fuduwadunha, mais ou menos há seis horas de viagens, onde o mesmo Tuxaua ficou aproximadamente durante em quatorze anos, e faleceu no ano de 1949. O novo tuxaua *Adaanawaijä* fundou a comunidade

² Alguns conflitos foram travados, inclusive, com armas de fogo trazidas de Boa Vista, inicialmente pelos Ye'kuana.

Kadoonanha nos anos de 1958 e 1959, onde ficou durante dez anos e depois se mudou com sua família para a comunidade *Kakaatadunha*, ficando o tuxaua Apolinário Gimenes e seu vice o Néri José Magalhães.

No começo da década 60 o Vice-Tuxaua Neri fundou a Comunidade de Fuduwadunha, exatamente onde fica hoje a pista de pouso de Auaris, no sentido da pista para Norte e bem na margem da direita do rio Auaris. E depois a Comunidade foi mudada em 1974, logo abaixo da pista de pouso aproximadamente um quilômetro de distância com o nome *Fayaku'jänha*, onde permaneceu durante 15 anos. Então, bem final de década de oitenta a comunidade mudou-se outra vez para a margem esquerda do rio *Yawadeejudi* (Auaris), porque, o governo implantou o destacamento militar bem na cabeceira da pista e nossos velhos temiam que isso iam trazer problemas futuros para povo Ye'kuana. E também uns dos pajés de Venezuela que tinha convidado pelo Tuxaua Neri, que o aconselhou que mudasse a Comunidade para outro lugar que se chama atualmente Comunidade Ye'kuana Fuduwadunha Auaris.

Existem ainda outras duas comunidades novas que estão em fase de formações uma delas que se chama Dejookonha que está localizada na margem direita do rio Auaris que leva aproximadamente com quinze (15) minutos da comunidade Fuduwadunha Auaris. E outra está localizada na margem direita do rio Auaris bem abaixo da comunidade de Fuduwadunha Auaris que se chama Kudatanha, com cerca de quatro à sete dias de viagem de canoa (*kudiiyada*), devido às muitas cachoeiras” (Rocha, 2008).

As comunidades Ye'kuana estão instaladas há mais de 50 anos, mas também à concentração de infra-estruturas por parte da sociedade envolvente perto da comunidade de Auaris (primeiro a missão da MEVA e a pista, segundo o pelotão do Exército, perto do posto de saúde), que tornaram Auaris um lugar de atração e explicam a aproximação progressiva de 16 comunidades Sanuma. Obviamente, a densidade demográfica resultante desses movimentos é o fator determinante dos problemas hoje encontrados em Auaris.

Segundo Rocha, as lideranças Ye'kuana decidiram que os missionários ficassem junto a comunidade do Sanuma. “Desde com esse procedimento que o povo Ye'kuana se percebe e se analisa que gerou atrair e aumentar as

populações que se atingem hoje mais de dezenas comunidades com esta região pelo povo Sanuma” (Rocha, 2008).

No plano social, vários elementos podem ser ressaltados. As relações entre as comunidades presentes no vale do Auaris, embora não sejam conflituais, apresentam pontos de tensão e necessitam o respeito por cada um dos conjuntos presentes das áreas de caça e de coleta dos outros.

Paralelamente, observa-se que as comunidades da região, por causa das relações de troca, de amizade, por causa da proximidade, mas também por causa de uma complexa interação entre clãs, organizam-se em conjuntos regionais, várias aldeias compartilhando territórios de caça. Um terceiro elemento diz respeito ao fato dos Ye'kuana considerarem algumas partes da região como sendo próprias, não permitindo (pelo menos oficialmente) a presença dos Sanuma nelas.

2.4 - Ocupação e presença dos não-Yanomami e a sedentarização:

Os primeiros contatos dos povos que vivem em Auaris com a sociedade nacional envolvente foram realizados com o intermédio dos Ye'kuana. Exímios navegadores, eles organizavam expedições para Boa Vista, das quais muitas vezes participavam alguns Sanuma.

A MEVA - Missão Evangélica da Amazônia - foi a primeira organização a chegar, no início da década de 60, com o missionário Donald Borgman. A FUNAI e o Exército chegaram à região somente no início da década de 90. E, finalmente, a URIHI, chegou em 1999. A CCPY iniciou seus trabalhos na área de educação na região em 2005, porém, já havia feito outros trabalhos pontuais de saúde.

As instalações não-indígenas são compostas pelo 5º Batalhão de Fronteira do Exército, de um posto da FUNAI, de um posto de saúde construído

pela URIHI e de uma missão da MEVA³. Também existe uma pista asfaltada de 1,2 Km de extensão e uma pequena hidrelétrica, que provê energia elétrica por 24 horas. Tudo foi construído com recursos do Projeto Calha Norte⁴. Além disso, no Batalhão de Fronteira, tem um telefone público da Embratel instalado e acesso à Internet (através do sistema G-SAT).

A situação sócio-econômica é bastante influenciada pela presença de não-indígenas, representantes de organizações com tantos propósitos diferentes. Uma média de 90 pessoas não-indígenas reside em Auaris. Algumas passam mais tempo, como é o caso da família de Mimika, missionário da MEVA, que tem sua própria casa e vive com sua esposa e dois filhos em Auaris. Já os funcionários da Funasa permanecem geralmente um mês na área e retornam depois de 15 dias. Os soldados e o chefe de Posto da FUNAI têm períodos variados em Auaris.

A primeira "pista" de Auaris foi construída na década de 60. Em 1963 a pista ficou pronta, quando o comandante da 1ª. Zona Aérea pousou nela declarando-a praticável. Em 1965 foi feita a abertura oficial do Posto de Auaris. Depois, já na década de 80, a pista de asfalto foi construída com recursos do Projeto Calha Norte e também com mão-de-obra Sanuma e Ye'kuana.



Foto 04: a pista de Auaris e o quartel do Exército à esquerda.

³ Atualmente a missão da MEVA se constitui da casa de Paulo Silas, da casa de Mimika, de uma escola, de um depósito e de outras duas outras casas que não são mais utilizadas.

⁴ Ver Albert, 1991a.

Em relação ao trabalho dos Ye'kuana e Sanuma na construção da pista e a chegada dos não-indígenas, alguns relatos dos Sanuma foram colhidos pela antropóloga em outras ocasiões.

O relato Sanuma abaixo foi coletado durante o Curso de Formação de Professores "*Espaço Geográfico: Percebendo a Floresta e a Cidade*", promovido pela URIHI – Saúde Yanomami e ocorrido em Boa Vista no ano de 2003.

"Sitiho, "Mamãe" e alguns Ye'kuanas chegaram em Boa Vista de canoa. Não tinha muitas casas em Boa Vista, só a Olaria e o bairro São Pedro. A cidade era pequena.

Eles encontraram Donald Borgman, um americano. Ele trabalhava com os Yanomami em Surucucus de helicóptero. Ele perguntou onde eles moravam e disse que queria conhecer os Sanuma. Responderam que era na cabeceira do rio Uraricoera e que ele poderia conhecer. Donald pediu, então, que eles abrissem uma pista para o avião pousar.

Os Sanuma que moravam onde a pista está localizada hoje eram muito poucos, apenas três famílias. Todo mundo morava espalhado. Essas três famílias, então, abriram a pista carregando a areia nos cestos e sem auxílio de nenhuma máquina.

Depois de um tempo, Donald e Nilo chegaram no avião. Ele chegou de óculos e todos ficaram com medo. Sua mulher chegou depois.

Donald pediu a eles que fizessem uma casa porque ele iria viver muito tempo ali. Mas o filho dele foi picado por uma cobra coral no rosto e acabou falecendo. Ele ficou muito triste e foi embora. Deixou a casa dele e veio para Boa Vista. Ele e sua mulher ficaram muito tempo ainda em Boa vista e depois voltaram para os Estados Unidos.

Donald pediu para fazer uma escola e foi feita uma escola muito boa e grande.

Depois chegou Julieta, uma enfermeira, para fazer atendimentos de saúde. A gente não conhecia remédio de vermes. Ela andava por todos os lugares, por isso ela aprendeu a falar Sanuma.

Paulo Silas então chegou. Ele não tinha mulher. Ele me ensinou [alfabetização], ao Chileno e ao Resende. Mas aprendemos pouco, só coordenação motora.

Ele sempre pagava *wani tã* [mercadorias] por trabalho, capinar o mato, cortar madeira. Paulo Silas então casou e trouxe a sua mulher Eveline. Eles sempre reclamam das festas que nós usamos o *sakuna* [alucinógeno], do casamento com mais de uma mulher e das separações. Os Sanuma não gostam dessas reclamações. Ele foi embora um tempo.

Aí chegou Diana e Louis, enfermeiras. Elas davam presentes para os alunos nas escolas. Eles se acostumaram a receber os presentes. Aproveitavam a escola já feita e davam aulas. Elas falavam muito Sanuma porque andavam por todas as comunidades.

Depois que chegou Donaldo e os outros, chegaram Ken Taylor e Alcida. Trocavam miçangas por trabalho como carregar lenha, buscar água, pegar caranguejo e cogumelos. Ken acompanhava os homens nas caçadas e cheirava *sakuna*. Alcida trabalhava com as mulheres.

Em 92, eu acho, o Exército chegou. Começaram a abrir mais a pista e asfaltar. Chegavam tratores de vários tipos nos Búfalos. Eles achavam que eles estavam trazendo remédios e, por isso, os ajudamos trabalhando na pista. Ninguém sabia quem eles eram e nem avisaram que eles chegariam.

Mimika chegou em 94. Ele era solteiro, baiano. Ele andava muito, removendo os pacientes. Ele não ensinou nada. Falou que ia ajudar e morar lá durante muito tempo.

Na mesma época, chegou a FUNAI - o chefe de posto José Ivaldo. Resende, porque a comunidade pediu, foi até ele pedir alguns *wani tã* [mercadorias] e ele anotava. Fingia que pedia e o avião chegava sempre vazio. Os Yekuana já sabiam antes que a FUNAI iria chegar, porque sempre estavam indo para Boa Vista de canoa. Diziam para nós que tudo ia mudar e que a FUNAI iria ajudar muito.

Depois da FUNAI, chegou a Fundação [Nacional de Saúde]. Ela escolheu os Ye'kuana para trabalhar junto com ela, porque a gente não tinha estudado muito. A gente sempre pensava: “será que a FUNASA é só amiga deles? Será que eles não querem a gente?”. A FUNASA não pensava nos Sanuma. Eles mandavam o Mimika ir pegar os doentes, mas ficavam no Posto o dia inteiro. Ele, então, pediu para comprar um motor, mas ele trouxe para Boa Vista. A gente achava que devia ficar “na mão dos indígenas”.

Aí chegou a URIHI. Ela trouxe atendimento de saúde e depois com a educação. Nós ficamos muito felizes e animados com a escola.

Muita gente mudou-se para Auaris. Antes só tinham poucas pessoas. Com a chegada dos *setõnapõ topo* [não-Sanuma] em Auaris, muitos Sanuma vieram também”.

Relatam também os Sanuma que poucas mercadorias lhes foram dadas como pagamento pela construção da pista e do quartel.

Para mostrar também a visão Ye'kuana, foi utilizado um texto escrito por Reinaldo Wadeyuna Luiz Rocha, Ye'kuana, gestor da escola desde 2005 e estudante da Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

“E bem no início de década de sessenta o povo Ye'kuana realizaram organizar um grupo para fazer a grande viagem, no rumo à cidade de Boa Vista, para vender seus produtos como as suas canoas, remos e diversos artesanatos para serem vendidos aos não-índios ou trocar seus produtos úteis como os *tadaude* (ralos), *kudaata* (zarabatana), *mani* (breus) e entre outros para trocar e negociar com outros parentes indígenas do povo Makuxi e do povo Wapichana (...) Nessa ocasião encontraram com muito surpresa no meio do caminho as pessoas estranhas, ou seja, não-índios que era a equipe dos militares (FAB) e de missionários que estavam acampadas na margem esquerda do Rio *Fadiime* (Uraricoera) para construir a pista de pouso de avião naquela região. Esse lugar se chama na Língua Ye'kuana *Shidiichã Antadõnha* (ilha da estrela) e atualmente se chama Waikás por motivo que alguns subgrupos indígenas Yanomami que estavam morando naquela época e

naquela localidade que se chamava esse grupo Waiká e nesse caso se denominou o nome até hoje comunidade Waikás.

E os *yadanawichomo* (“brancos”) decidiram pedir para conversar com o grupo Ye’kuana para que eles ficassem trabalhando com eles e depois que iam conseguir trazer tudo os seus interesses através de aeronaves que era mais prático e rápido, invés de seguir a viagem que era muito arriscado por causa de muitas cachoeiras que tem na frente na região das ilhas de Maracá, porque a pista de pouso também estava praticamente quase pronta naquela ocasião. Pois, o segundo líder do grupo o Senhor Peri José Magalhães concordou para ficar trabalhando como empregado. E assim eles trabalharam até concluir a construção da pista. Após da construção daquela pista de Waikás foram os *yadanawichomo* (os brancos) e alguns Ye’kuana selecionados para construir outras três pistas nos outros locais, que ficam bem na divisa Brasil/Venezuela, na região onde se nasce o rio *Fadiime* (Parima) que até hoje se chama Surucucu. Os *yadanawichomo* (brancos) eram formados naquela ocasião com duas instituições organizadas como Força Aérea Brasileira – FAB e missionários como Missão Evangélica da Amazônia-MEVA.

Os pais e avós contam que estes Ye’kuana ficaram trabalhando na abertura até concluir para estas pistas: primeiro a pista de *Waikás*, iniciada no mês de janeiro de 1961 e concluída no mês de fevereiro. Depois a pista de Surucucu que iniciaram abrir no mesmo ano e concluíram bem no começo de 1962 e em seguida foram para abrir as outras duas pistas que chamaram Parima A e Parima B. Logo depois, foi descoberta que essas duas pistas estavam localizadas no outro lado de fronteira da Venezuela e abandonaram. Na época, o chefe dos trabalhadores se chamava Santana. A equipe dos não índios era formada pelo Major Rocha, o enfermeiro Cabo Dobécio, o jornalista Paraguai-azul e o telegrafista Sargento Nery.

Mais tarde, surgiu, então, a proposta, por parte do Coronel Camarão, de abrir uma pista também em Auaris. O Coronel Camarão falou-lhe sobre mais vantagens que teria construir da pista, pois isso permitiria o acesso de uma equipe de saúde para atender os habitantes daquela região e transportar as coisas dos interesses das pessoas Ye’kuana, mas também não precisavam mais descer o rio de *kudiiyada* (canoa) até Boa Vista, uma viagem perigosa,

por causa do número de cachoeiras e quedas d'água, que leva de um a dois meses para ser completada. A pista de Auaris foi aberta em 1963, e homens, mulheres e jovens Ye'kuana trabalharam com afinco para que ela ficasse pronta e recebesse as melhorias feitas mais tarde pelos trabalhadores da COMARA. Uma última pista foi aberta pelos trabalhadores Ye'kuana na área onde vive o povo WaiWai, em Anauá- sul do Estado de Roraima” (Rocha, 2008).

3 - Os Sanuma e os Ye'kuana de Auaris:

3.1 - Os Sanuma:

Os Sanuma são o subgrupo mais setentrional da família lingüística Yanomami do Brasil e são encontrados somente na região de Auaris. Somam aproximadamente 5.000 pessoas, mais de 2.300 no Brasil e quase o mesmo número (2.300) na Venezuela⁵. Os Sanuma perfazem cerca de 15% da população total Yanomami do Brasil, estimada em torno de 16.900 pessoas (Funasa, 2007).

Assim como no Brasil, os Sanuma da Venezuela ocupam um território compartilhado com os Ye'kuana e a maioria habita o município de Sucre, no estado Bolívar. A maior parte das suas comunidades se estende na bacia média e alta do rio Caura. Segundo Colchester *et al* (2004:10), os Sanuma recentemente se estenderam ao sul da bacia, quase até Maripa (união do Caura com o Orinoco), entrando em Paragua. Uma outra população Sanuma menos numerosa vive dividida entre os municípios do Alto Orinoco e Manapiare

⁵ O dado oficial de Sanuma na Venezuela apresenta um problema. Os Xiriana foram mal classificados nos censos de 1992 e 2001 como Sanuma. No censo de 2001, por exemplo, incluíram 178 Xiriana no número de 2.365 Sanuma. Fazendo as devidas ressalvas, sobrariam, então, 2.287 Sanuma habitantes do estado Bolívar. As 288 pessoas relacionadas ao município de Raul Leoni, de acordo com a sua localização geográfica (Alto Paragua), são na sua maioria, Xiriana. “En el censo de 1982 se reportaron un total de 2.1876 Sanema de los cuales 1.588 vivían en Bolívar y 598 en Amazonas. A partir del censo de 1992 no se puede saber cuantos Sanema habían en esa época. Según los últimos datos censales (INE, 2001) se puede deducir que en Bolívar los Sanema son 1999 personas en Bolívar⁷ y en Amazonas 684, sumando 2.683”. (Kelly, 2008: 7).

do estado Amazonas, por um lado, no Alto Ventuari até Tencua; e por outro, nas cabeceiras dos rios Ocamo, Metacuni, Padamo e Cuntinamo.

Falam a língua Sanuma, uma das quatro pertencentes à família lingüística Yanomami. Apresentam algumas características diferentes dos outros grupos Yanomami devido ao contato com os Ye'kuana (veja item 3.3 "Relação entre os Sanuma e os Ye'kuana").

3.2 - Os Ye'kuana:

Os Ye'kuana são um povo de língua da família Karib, também são conhecidos como Maiongong. Para se auto-referir, usam a palavra *So'to*, em oposição à *yadaanawichomo*, como os homens brancos são chamados. Ye'kuana significa "gente da canoa" ou "gente do galho na água".

Os Ye'kuana recordam de contato com os espanhóis desde o século XVIII. Foram obrigados a trabalhar como escravos e forçados à conversão católica. Em 1776 recusaram a conversão e fizeram uma rebelião contra os espanhóis. Já no início do século XX, os exploradores da borracha invadiram o território Ye'kuana.

Os Ye'kuana sempre foram bons construtores de canoas, e se tornaram referência nesse ofício. Assim, faziam longas excursões pelos rios até Boa Vista e algumas fazendas do interior do estado de Roraima para comprar roupas, munição, miçangas e outros bens e vender as suas canoas. As viagens geralmente duravam um mês. Depois da construção da pista, as viagens de canoa a Boa Vista ficaram mais raras. Ao contrário da história de outros povos, foram os próprios Ye'kuana que começaram o contato com a sociedade ocidental, já que Auaris é uma região muito isolada, o que dificultava a entrada de não indígenas.



Foto 05: Canoa Ye'kuana (foto *Clarisse do Carmo Jabur*).

Já com outros povos indígenas vizinhos, são famosos por confeccionarem os ralos para mandioca.

“O Povo Ye'kuana acredita que existe o dono do mundo que vive eternamente no céu que se chama *Wanaadi*. Ele criou e planejou tudo que existe neste mundo em que vivemos nele como o espaço, ar, luz, céu, animais, rios, vegetações, fenômenos das naturezas e muitos outros. Após tudo isto, ele fez e criou o primeiro ser humano de acordo do seu formato para cuidar nesta terra que se chama *Yuudawaana* o homem que tem capacidade de raciocinar, dominar, organizar, objetivar, planejar para sua sobrevivência que vivesse tranquilo, respeitasse e cuidasse tudo que existem nesta terra. O *Wanaadi* fez tudo que os seres humanos fazem, praticam e comportam neste mundo tais como sentimento, as relações aos outros, união, inteligência, sabedoria, tristeza, amor e entre outros. Ele vive eternamente no céu observando, acompanhando e contemplando para sempre tudo que acontecem neste mundo” (Rocha, 2008).

Em conversas com os Ye'kuana de Auaris, disseram que atualmente não há xamãs Ye'kuana no Brasil, apenas na Venezuela. “O contato com os seus xamãs, na Venezuela, acontece tanto por meio de visitas como por consultas via radiofonia. Embora contando com uma assistência à saúde

permanente em suas comunidades, alguns distúrbios continuam sendo tratados de forma tradicional, com cantos, sopros, usos de plantas, tratamentos estes quase sempre acompanhados por um regime alimentar” (Moreira-Lauriola, 2003).

3.3 - Relação entre os Sanuma e os Ye'kuana:

Quando os Sanuma invadiram o território antes ocupado pelos Ye'kuana, as primeiras relações estabelecidas foram de hostilidade. Os Sanuma, por um lado, eram mais numerosos, mas os Ye'kuana tinham armas de fogo conseguidas através dos contatos com os não-indígenas em viagens a Boa Vista e Venezuela.

“Antes das décadas vinte e trinta, a região não era habitada por este povo (Sanuma) e não acostumava realizar grandes e longas viagens para conhecer a realidade das outras culturas que viviam a seus redores, e não costumavam visitar ou comercializar com outros povos. Mas eles praticavam apenas atacar e roubar as mulheres dos outros povos e assim aconteciam até surgir conflito e guerra com o povo Ye'kuana e com os outros povos vizinhos. Nas décadas de quarenta e cinquenta, a ocupação e conseqüentemente o contato com os Sanuma se intensificaram”.

Durante os primeiros contatos, os Sanuma foram chamados de *Shidishana* pelos Ye'kuana. E os Sanuma denominaram os Ye'kuana de *napö töpö*, quer dizer, “estrangeiro”, “não-Yanomami” – palavra utilizada pelos outros grupos Yanomami para designarem também os “brancos”. Os Ye'kuana foram os primeiros “estrangeiros” categóricos se podemos assim dizer dos Sanuma. Já os “brancos” são chamados pelos Sanuma de *setānapi töpö*⁶.

Além dos conflitos, várias relações importantes foram estabelecidas entre esses dois povos. Um dessas relações foi as trocas entre produtos e mercadorias. Os Sanuma “começaram a trocar produtos importantes para o

⁶ A grafia dessa palavra varia muito entre os Sanuma, alguns escrevem *setānapö*, outros *sötōnapö*, *sätōnapö* etc.

Povo Ye'kuana como por exemplo, *adhaawa* (uma resina especial de árvore para a iluminação da casa),ovelos de algodão para fazer as redes. Os Sanuma se interessavam principalmente por ferramentas de metal até então não conhecidas como machados, facões, fósforos, anzóis, panelas e outros; animais domésticos como cachorro caçador e é claro, espingardas” (Rocha, 2008).

Além das trocas, algumas alianças começaram a ser estabelecidas também através de casamentos de homens Ye'kuana com mulheres Sanuma, situação um pouco diferente da atual. Em 1974, havia dois exemplos de casamento entre homens Ye'kuanas e mulheres Sanumas (Ramos, 1980). Hoje a maioria dos casamentos ocorre entre homens Sanuma e mulheres Ye'kuana. O melhor exemplo talvez seja o das filhas de Lourenço Ye'kuana, assassinado por garimpeiros em setembro de 1990 (ver Ramos, 1995). Ele é considerado um dos primeiros Ye'kuana que se aproximou dos Sanuma, suas três filhas casaram-se com três homens Sanuma. Atualmente vivem nas aldeias de Polapiu e Kalisi e as mulheres não falam mais a língua Ye'kuana, disseram que “esqueceram”. Todos eles ainda continuam casados.

Mais recentemente, um outro Sanuma de cerca de 40 anos, também de Mauxinha, se casou com a filha de Tomé Ye'kuana. Sua primeira esposa é filha de Pedro Ye'kuana e um mulher Sanuma. Dois casamentos nos moldes antigos - de um homem Ye'kuana com uma mulher Sanuma – ainda permanecem. É o caso de Pedro Ye'kuana, liderança tradicional de Mauxinha de cerca de 70 anos e José Ye'kuana, filho de Lourenço e liderança de Heomö (Casa de José). Continuando a tendência do passado, todos os casais interétnicos constituíram um novo núcleo familiar fora da aldeia de origem dos dois.

Na década de 1990, com a “corrida do ouro” ocorrida na Terra Yanomami, os Ye'kuana atuaram como intermediários nas relações dos Sanuma com os garimpeiros. “Para os Sanuma o aparecimento do ouro fez pouca diferença no seu modo de vida, mas para os Maiongong ele trouxe a oportunidade de fazer alguns experimentos com as ferramentas do ofício capitalista. Compraram uma casa na cidade, mandaram os filhos para a escola,

adquiriram microscópios, enviaram jovens à Fundação Nacional de Saúde em Boa Vista para aprender a diagnosticar e tratar a malária, compraram máquinas de costura, de moer mandioca, motores de popa...” (Ramos: 1995: 18).

Considerados como "civilizadores" dos Sanumas, os Ye'kuana os ensinaram a fazer alguns artefatos antes não conhecidos pelos Yanomami em geral, como peneiras, ralos, tipitis, balaios e canoas. “Muitos deles (Sanuma) começaram assimilar e até aprender a cultura do povo Ye'kuana como modo de cultivar e cuidar as suas roças e construir as suas canoas e remos e muitos outros, principalmente os objetos utensílios pessoais usados no dia-a-dia ou usados nas casas das famílias como por exemplos os tipiti (*tōnkōi*), as peneiras (*manaade*), balaios (*waja*), jamanxim (*tudi*) e várias tipos de cestas que contem as figuras de animais e de grafismos” (Rocha, 2008).

Hoje os Sanuma inclusive “concorrem” no mercado local de Auaris com seus artesanatos. Ramos nota que “em Auaris, até o início de 1974, nenhum Sanuma sabia fabricar qualquer desses objetos, obtendo-os também, direta ou indiretamente dos Maiongong” (Ramos, 1980: 37). Depois de 30 anos, alguns Sanuma conhecem as técnicas de confecção de alguns artefatos tão bem quanto os Ye'kuana. Não podemos deixar de mencionar também que alguns artesanatos típicos Ye'kuana foram remodelados pelos Sanuma.

Já o conhecimento da construção de canoas bem como da confecção de ralos ficou mais restrito, deixando os Sanuma ainda um pouco dependentes dos Ye'kuana nesses aspectos. Apenas o genro de Pedro Ye'kuana que também vive em Mauxinha, sabe construir canoas grandes. Nem todos Sanuma tem canoas e é muito comum que as canoas sejam roubadas pelos próprios Sanuma. Pedro Ye'kuana e todos os seus filhos também sabem fazer ralos.

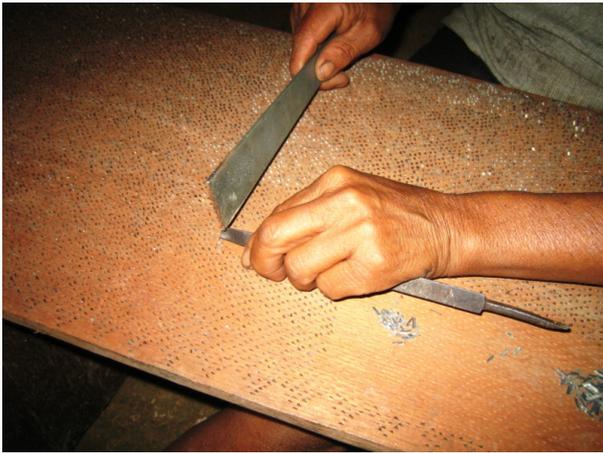


Foto 06: Ye'kuana fabricando ralo (foto *Clarisse do Carmo Jabur*).

Outra consequência do contato foi uma mudança em alguns hábitos alimentares dos Sanuma em relação ao padrão dos outros grupos Yanomami. Os Sanuma elegeram como alimento principal o “xibé”⁷, que não pode faltar nas refeições, além de produzirem muito mais beijus que os Yanomami. Também é possível notar que nas roças Sanuma têm menos bananeiras plantadas que nas Yanomami, tendo como produto principal a mandioca brava. A maneira de produzir o caxiri pelos Sanuma também foi aprendida através dos Ye'kuana e também se difere dos outros Yanomami. Os Sanuma também produzem e consomem uma mistura de pimentas secas chamada “jiquitaia”, produto tipicamente Caribe.



Foto 07: secando as pimentas para fazer jiquitaia (foto *Clarisse do Carmo Jabur*).

⁷ Bebida não fermentada feita de beiju misturado à água. O beiju também pode ser substituído por farinha. Geralmente é consumida fria mas nos dias frios é costume aquecer o xibé para as crianças.

Os Sanuma também incorporaram algumas práticas Ye'kuana em sua festa tradicional de cremação dos corpos dos mortos (*saponomo*)⁸, como jogos, ornamentos e um instrumento musical (flauta). A maioria das mulheres Sanuma também passou a utilizar os típicos colares de miçangas enrolado no pescoço, as miçangas azuis abaixo do joelho e as miçangas brancas nos tornozelos, típico dos Ye'kuana.



Foto 08: adorno de miçangas nos tornozelos e abaixo do joelho e colares de moças Sanuma (foto *Clarisse do Carmo Jabur*).

Trocas lingüísticas também foram feitas. Alguns Ye'kuana, principalmente os mais velhos e os que trabalharam como agentes de saúde e microscopistas nas aldeias Sanuma, falam um pouco de Sanuma, mas quase nenhum Sanuma entende a língua Ye'kuana. No entanto, existe algumas palavras da língua Ye'kuana que são muito utilizadas pelos Sanuma comumente como "*pike*" - expressão que demonstra surpresa, espanto. Atualmente é muito comum ver até as crianças Sanuma falando essa palavra.

⁸ Sobre o *saponomo* ver Ramos 1990.

Desde muito tempo, alguns Sanuma prestam serviços para os Ye'kuana. "Alguns pais de famílias decidiam adotar o Sanuma⁹ para ficar na casa como empregado e para servir como sustentação familiar como caçador e pescador. Quando o povo Ye'kuana realizava a programação da viagem em coletiva com bastante longa e decidiram convidar alguns seus conhecidos Sanuma como reforço e depois pagos de acordo com a sua necessidade e também dependendo de acordo feito no princípio" (Rocha, 2008).

Atualmente os Sanuma continuam a trabalhar para os Ye'kuana, principalmente como carregadores ou na derrubada das roças. Os Ye'kuana também solicitam os serviços dos xamãs Sanuma, já que, como foi dito anteriormente, em Auaris não há mais xamãs Ye'kuana, apenas na Venezuela. Geralmente recebem como pagamentos produtos industrializados como panelas, roupas, espingardas, munição, sal, miçangas, ferramentas, anzóis, etc.

Muita coisa mudou na configuração da relação entre os Sanuma e os Ye'kuana mas algumas situações permanecem presentes como não poderia deixar de ser em uma relação interétnica. Na visão dos Ye'kuana atuais, as mesmas acusações de antes continuam sendo feitas como podemos perceber na declaração de um Ye'kuana durante a reunião sobre o diagnóstico: "os Sanuma não sabem gastar seus salários direito. Sempre gastam com bebida alcoólica e não compram ferramentas para ajudar os parentes. Nós colocamos isso como prioridade. A ocupação dos Sanuma nos prejudica, além de roubarem as roças, canoas e outras mercadorias".

Já foi presenciado diversas vezes pela antropóloga situações de acusações por parte dos Ye'kuana com relação ao roubo das suas roças. Em quase todas as reuniões em que participem Sanuma e Ye'kuana juntos, independente do tema a ser discutido, esse conflito vem à tona. Inclusive, é comum que algumas ameaças de agressão física sejam feitas aos possíveis infratores.

⁹ O oposto também já foi verificado, mas é mais raro. A antropóloga registrou um caso onde uma menina Ye'kuana havia sido adotada por uma família Sanuma de Katimani.

Já na visão dos Sanuma, os Ye'kuana estão no caminho de se tornarem “brancos”, já que têm casas na cidade, aprenderam a falar português e “sabem lidar com os brancos” há muito tempo. Também perderam alguns de seus costumes tradicionais, como o uso de arco e flecha para caçar e a prática do xamanismo. Os Sanuma sempre dizem que algumas casas Ye'kuana de Auaris são parecidas com a casa dos “brancos” de Boa Vista, pois algumas possuem eletrodomésticos e móveis como mesas e camas. Embora a maioria dos Sanuma expresse essa opinião até publicamente, alguns jovens demonstram um deslumbramento em relação aos bens dos Ye'kuana.

No item 5.2. “Atividades educacionais” é possível verificar a grande diferença na trajetória dos dois povos, fato que influenciou bastante as condições de renda. As fontes de renda dos Ye'kuana são mais numerosas que as dos Sanuma. Os professores são assalariados – 5 seletivados que participaram do processo seletivo da Secretaria de Educação, ganhando R\$ 870,00; 5 efetivos que fizeram concurso público, ganhando cerca de R\$ 1.200,00 totalizando 10 professores contratados. Além desses, ainda existem outros 4 professores voluntários. Quatro Ye'kuana se alistaram no Batalhão de Fronteira e trabalham como soldados do exército, tendo uma renda de cerca de R\$ 800,00. Existe um agente de Saúde remunerado com R\$ 350,00¹⁰ e cinco aposentados que ganham um salário mínimo de R\$ 380,00.

Os Sanuma assalariados são cerca de 7 agentes de saúde e 6 professores que também participaram do processo seletivo da Secretaria de Educação. Não existe nenhum Sanuma aposentado até o presente momento.

Para finalizar, é importante enfatizar que a relação desses dois povos no âmbito da representação política perante o mundo dos não-indígenas, está cada vez mais próxima desde a fundação em 2004 da Hutukara Associação Yanomami. Um jovem Ye'kuana participa da formação e capacitação de gestores da associação junto com os outros Yanomami e outras lideranças sempre visitam a sede em Boa Vista, participando de reuniões e encontros políticos importantes.

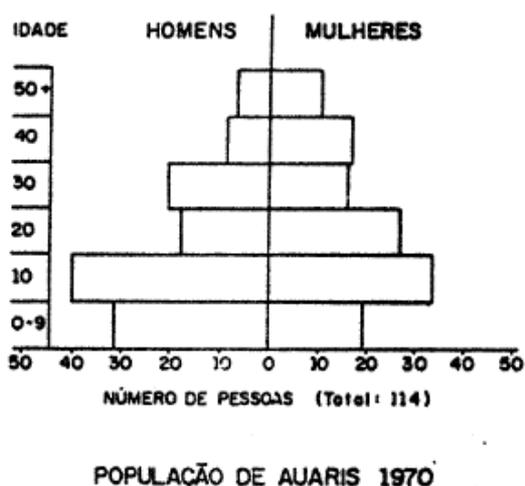
¹⁰ Até recentemente havia também microscopistas que foram trabalhar em outras regiões da Terra Yanomami e um Auxiliar de enfermagem contratado pela Funasa.

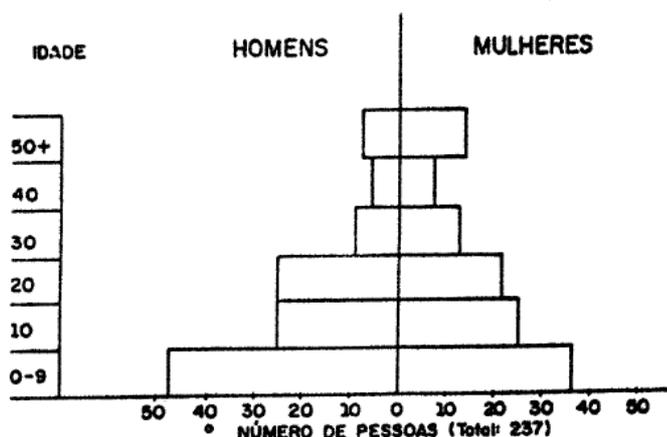
4 – População:

4.1 – Histórico da distribuição demográfica e Análise de Dados:

A região de Auaris é uma das mais populosas da Terra Indígena Yanomami, com uma população total de quase 2.200 pessoas, distribuída em cerca de 25 aldeias. A maioria das aldeias Sanuma localiza-se nas margens do rio Auaris, chamado pelos Sanuma de *Asikamatu*, ou dos dois afluentes de margem direita, os rios *Walopiu* e *Õkopiu*. As comunidades Ye' kuana, em geral, localizam-se na margem oposta do rio ocupada pelos Sanuma.

Em 1974, Ramos constatou que a população Sanuma de Auaris era de 296 pessoas, concentradas em oito aldeias ao longo do rio Auaris. Conta que “na missão e adjacências, havia um total de 114 pessoas, com pequenas alterações desde o final de 1970. Agora, em 1991, o conjunto de famílias que estivera em torno da missão dispersara-se rio acima e rio abaixo, dando lugar a oito grupos residenciais separados” (Ramos, 1991:7). Comparou os dois gráficos de população de 1970 e em 1991 e verificou mudanças na composição de gênero e idade.





POPULAÇÃO DE AUARIS 1991

Distribuição da População Sanuma por aldeias em 1991

Na Missão	93
Rio acima:	
Passarão	13
Kalioko	36
Talia	19
Rio abaixo:	
Santana	9
Xitio	7
Mauxã	51
Alamo	9
Total	237

A população Sanuma aumentou bastante como podemos comprovar com a comparação desses dados com os atuais.

Os Ye'kuana do Brasil vivem em 3 aldeias na região de Auaris - Pedra Branca (nas cabeceiras do rio Auaris), Takunemuinha e Fuduwadunha. Também vivem na região de Waikas. Continuando a utilizar os dados colhidos por Ramos em 1974, a população Ye'kuana no Brasil era de 100 e em 1990, aproximadamente 200 pessoas. Em 2007, segundo os dados da Funasa, a população Ye'kuana totaliza-se 449 pessoas, 314 em Auaris e 135 em Waikas.

Resumindo, a população de Auaris está distribuída de acordo com a seguinte tabela:

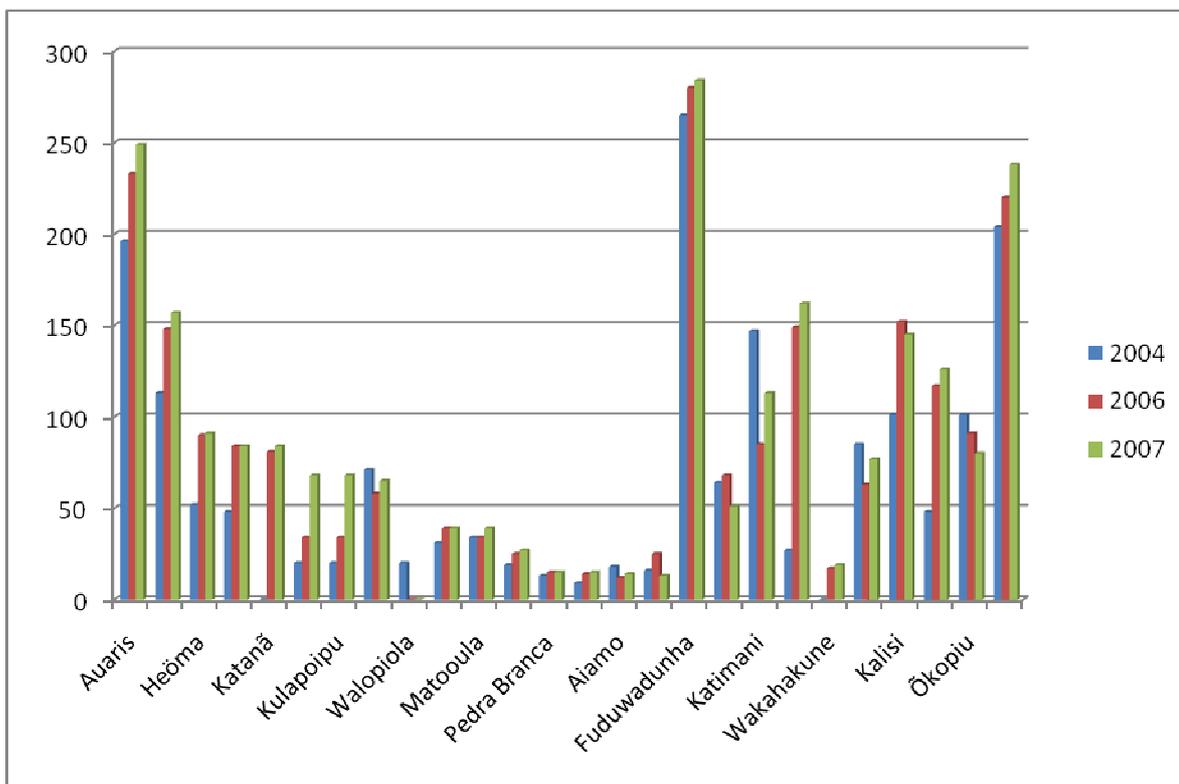
TABELA COMPARATIVA DA POPULAÇÃO DE AUARIS

Aldeia	2004	2006 (jul)	2007 (dez)¹¹	2007 (Funasa)
Auaris	196	233	254	249
Kakali	14	---	---	---
Katonau	113	148	150	157
Heõma	52	90	91	91
Mauxinha	45	84	84	84
Katanã	---	81	79	84
Katarrinha	20	34	73	68
Kulapoipu	47	70	66	73
Momoipu	71	58	63	65
Walopiola	20	---	---	---
Kotaimatiu	31	39	39	39
Matooula	34	34	37	39
Hasatau	19	25	27	27
Alamotau (Santiago)	10	---	---	---
Pedra Branca	13	15	15	15
Takunemoinha	09	14	15	15
Aiamo	18	12	13	14
Sitiho	16	25	12	13
Fuduwadunha	265	280		284
Kasinapiu	64	68		51
Katimani	147	85		113
Kolulu	27	149		162
Wakahakune	---	17		19
Polapiu	85	63		77
Kalisi	101	152		145
Hokolasimu	48	117		126
Õkopi	101	91		80
Õkiola ¹² (Sikaima)	204	220		238
TOTAL	1.782	2.344		2.328

¹¹ Esses dados foram colhidos pela antropóloga durante o diagnóstico, contabilizando os nascimentos, óbitos e mudanças de comunidade. Porém, não obteve os dados de todas as aldeias.

¹² Atualmente a população da região de Õkiola está dividida em três comunidades: Saula, com 32 pessoas; Konasi, com população de 32 pessoas e Õkiola propriamente dito com 174 pessoas.

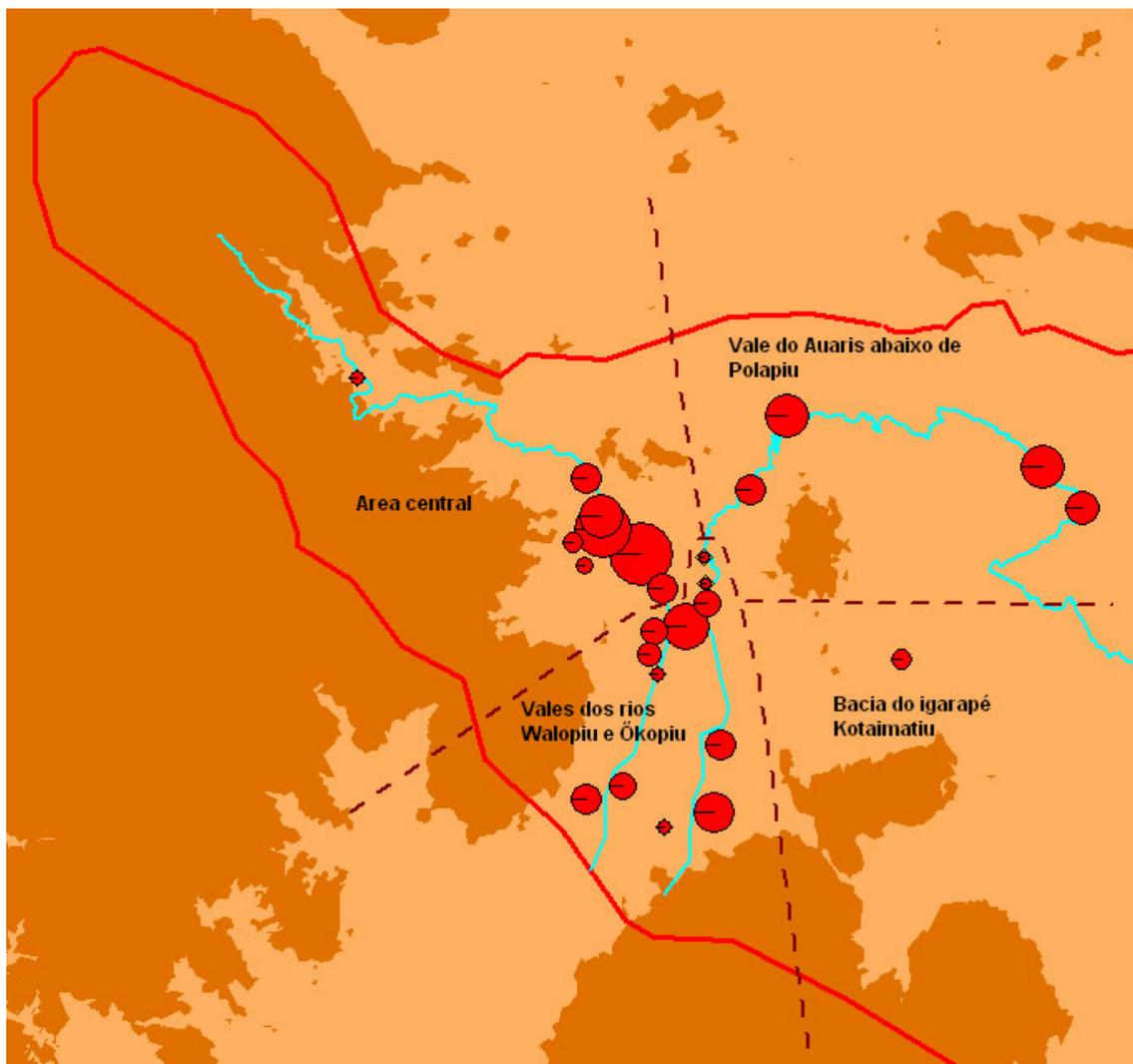
Observando o gráfico da população por aldeia nos anos de 2004, 2006 e 2007, podemos visualizar algumas modificações na configuração da população de Auaris.



A população de Auaris se modificou com o passar dos anos e aumenta cada vez mais. Entre os anos de 2004 e 2006 a população aumentou de 1.782 para 2.344 pessoas.

4.2 – A região de Auaris e as sub-regiões:

Primeiro fizemos um histórico da ocupação da região com dados colhidos através de etnografias. Depois, a partir dos elementos colhidos em campo e de uma cartografia das aldeias da região de Auaris e das suas respectivas populações (mapa 05), foi possível recortar a área em quatro conjuntos regionais que serão descritos a seguir.



Mapa 05: as aldeias da região de Auaris, a sua população e a repartição em conjuntos regionais (realização *François Michel Le Tourneau*)

4.2.1. Histórico:

Segundo os relatos de Ramos, as aldeias estavam configuradas da seguinte forma. “Em 1970 as comunidades do alto Auaris estavam concentradas em torno da missão da MEVA e somavam um total de 114 pessoas. Nos últimos 20 anos, essa concentração se desfez com a dispersão de vários grupos residenciais ao longo do rio, acima e abaixo da missão. Hoje eles se distribuem por oito localidades com 237 pessoas ao todo. Com exceção

de um pequeno grupo local de nove pessoas há poucas horas rio abaixo e mais os habitantes de Olomai, a dois dias de caminhada, na confluência do Auaris com o rio Olomai, todos os demais têm acesso fácil à clínica da missão, pois os caminhos são curtos e o rio facilmente navegável.

Rio acima há três grupos residenciais, dois instalados em casas únicas com vários compartimentos familiares - o primeiro com 19 pessoas, o segundo com 13 - e o terceiro com três casas acomodando 36 pessoas. Rio abaixo, outros três conjuntos: o primeiro com nove, o segundo com sete e o terceiro com 51 pessoas. Bem mais abaixo, na margem esquerda do Auaris, há mais um grupo local com nove habitantes.

A configuração física da comunidade junto à missão, mutável ao longo dos anos, apresenta-se atualmente como um aglomerado de oito casas de tamanhos variados, abrigando 93 pessoas (...) Rio abaixo, à margem esquerda do Auaris, está a aldeia dos Maiongong, grupo de fala caribe que há mais de um século convive com os Sanuma. É uma nova localização, com cerca de dois anos e é composta de várias casas familiares cobertas de bacaba e barro, num estilo que não agrada a todos, uma vez que muitos prefeririam a grande casa comunal de alguns anos atrás. Entre os 147 Maiongong de Auaris vive uma professora da MEVA que dá aulas regulares a crianças e adultos, de acordo com o regime e programa oficiais.

(...) Além dessa aldeia, os Maiongong têm cerca de 40 parentes vivendo em Waicás, local insalubre à beira do Uraricoera, atualmente com grande concentração de balsas de garimpeiros, e outros 15 ou 20 numa pequena comunidade nas cabeceiras do rio Auaris conhecida como Pedra Branca” (Ramos, 1991).

4.2.2. A área central: Auaris, Katonau, Kulapoipu e comunidades Ye'kuana

A área central da região de Auaris é composta pelas aldeias mais próximas da pista - Auaris, Katonau, Fuduwadunha - e das instalações dos não-indígenas (*setānapō tōpō*) - missão da MEVA, batalhão de Fronteira, Posto da FUNAI e Posto de saúde e secundariamente por um conjunto de malocas

situadas num raio de poucos quilômetros das primeiras (Kulapoipu, Matooula, Mauxinha). Hoje, a população totaliza-se em um pouco menos de 930 pessoas, vivendo em 8 aldeias.

Sem dúvida, foi a instalação da pista neste lugar em 1963, sob iniciativa dos Ye'kuana, que criou um dinâmica de sedentarização da população nessa área. De fato, a abertura da pista permitiu a vinda da missão da MEVA, cuja assistência médica foi um fator importante para a sedentarização das comunidades mais próximas. Essa é uma constatação antiga de Ramos “sem dúvida, o aumento da população em Auaris e arredores deve-se à atenção médica que os missionários da MEVA têm dado aos Sanumá” (Ramos, 1991: 08).

Durante os anos 80, a instalação do pelotão de fronteira propiciou um acesso mais fácil aos bens de consumo, reforçando a atração da área para as comunidades Sanuma. Enfim, a partir do fim dos anos 1990, a instalação de uma infra-estrutura de saúde permanente contribuiu ainda mais para a fixação da população.

O resultado dessa dinâmica nos 40 últimos anos é uma situação muito atípica em relação aos padrões de ocupação territorial dos Yanomami. A área mais próxima da pista está sendo explorada para atividades agrícolas há mais de 4 décadas, exibindo total exaustão dos nutrientes do solo, ao ponto que estes são em algumas áreas transformados em meros areais, onde só samambaias conseguem crescer (veja foto 02). Parte dos problemas alimentares detectados em Auaris é originada nesse contexto.

A população e seus espaços produtivos como as roças, por exemplo, estão muito concentrados próximos à pista, o que desencadeou um processo de sedentarização dos Sanuma. Existe uma alta densidade demográfica ao redor da pista. As aldeias de Auaris, Katimani, Kolulu, Katonau, Kulapoipu, Matooula e Mauxinha, principalmente, estão localizadas muito próximas entre si, o que acarreta uma diminuição de caça e de outros recursos naturais, como a palha e a caça, por exemplo – fatos que já foram diagnosticados pelos Sanuma.



Foto 09: cachoeira no rio Hutumopi u, localizado na área de caça das comunidades da área central (foto *François Michel Le Tourneau*).

As áreas utilizadas pelas comunidades da área central (exceto Mauxinha) somam mais de 1.500 ha, sendo 600 ha em torno da pista da Auaris que já foram usados muitas vezes e hoje podem ser considerados como pouco adequados para a agricultura. As novas roças abertas tanto pelos Ye'kuana tanto pelos Sanuma das comunidades de Auaris e Katonau são em geral distantes de aproximadamente 2,5 km, resultando em longos e cansativos percursos para chegar nelas e para levar os produtos até as casas.

4.2.3. Os vales dos rios Walopiu e Õkopiu:

Os vales dos dois rios Walopiu e Õkopiu agrupam a segunda concentração de população da região de Auaris em número de habitantes. Neles localizam-se 11 aldeias, totalizando um pouco mais de 600 pessoas.

A origem da expansão do povoamento nessa região é a mesma do que em outras regiões: a atração ligada aos estabelecimentos dos não-Yanomami

(*setānapō tōpō*) e à pista de Auaris. Tendo chegado mais tarde, ou participando de conjuntos familiares com relações mais conflituosas com os da região central, os habitantes da região não puderam instalar-se na proximidade imediata da pista, e resolveram desenvolver outras aldeias a proximidade dos rios Walopiu e Ōkopiu. Nos últimos anos, novas comunidades chegaram da Venezuela, atraídas também pela perspectiva de conseguir uma assistência de saúde, e criaram as comunidades mais afastadas, tais como Hokolasimu e Katanā.

A ocupação permanente dos dois vales é relativamente recente, e a concentração é menor, não tendo as malocas um ponto de atração forte como a pista. Por essas razões, o sistema de deslocamento periódico das aldeias ainda é bastante ativo, e a escassez de áreas de floresta para abrir novas roças não foi apontada como um problema pelas comunidades locais. O problema poderia, no entanto, surgir num futuro próximo. Com efeito, as instalações coletivas das aldeias são cada vez maiores (posto de saúde e escola) e cada deslocamento implica na reconstrução desses, dificultando a mudança.

Os diagnósticos feitos junto com as populações dessas aldeias permitiram apontar alguns problemas semelhantes aos detectados na área central, embora em escala menor. A questão de caça parece tornar-se mais preocupante, sendo as áreas utilizadas cada vez mais afastadas (dessa vez, localizadas ao sul da região de Auaris, de novo na Venezuela), ou na região das cabeceiras do rio Kotaimatiu. Da mesma forma, concentrações de ubim para realizar o teto das casas são difíceis de serem encontradas, e necessitam expedições em lugares distantes para serem catadas. Nota-se que nessa região como na área central, a pesca não oferece uma alternativa à caça, pois não existem peixes de grande porte nos rios Walopiu e Ōkopiu.

4.2.4. O vale do rio Auaris a partir de Polapiu:

A partir de Polapiu abre-se uma nova região, diferente da parte superior do Rio Auaris, da qual ela fica isolada pela cachoeira de Ala Pola. Essa torna muito difícil a navegação, sendo a solução mais comum a de trocar de embarcação, deixando uma na parte de cima da cachoeira, atravessando o rio com outra canoa e utilizando outra abaixo.

As condições geográficas mudam bastante nessa nova região. O rio Auaris é muito mais piscoso, e peixes de grande porte são comuns, o que melhora sensivelmente a dieta das populações locais. Oferecendo melhores condições de vida, a região atraiu recentemente novas comunidades. Parte da população da comunidade Sanuma de Mauxinha, liderada por Pedro Ye'kuana resolveu instalar-se num local chamado de Nova Mauxinha, localizado próximo ao antigo Olomai, aproveitando a antiga pista de pouso construída pela MEVA. Hoje a região agrupa 4 comunidades reunindo um pouco mais de 460 pessoas.

Como era de se esperar num cenário geográfico tão diferente, os problemas que afetam a região do vale do rio Auaris a partir de Polapiu são bastante diferentes dos que foram detectados nas duas outras regiões. A escassez de recursos alimentares não parece afetar muito as aldeias da região, as queixas locais sendo mais concentradas sobre o isolamento que elas precisam enfrentar, tanto por parte da assistência de saúde quanto por parte da escola.

Embora poucos problemas territoriais tenham sido encontrados por enquanto no vale do rio Auaris abaixo de Sitiho, observa-se que ele não constitui uma solução para uma migração maciça das comunidades da área central. Com efeito, a presença de várias cachoeiras e a ecologia sempre frágil dos rios dos vales altos da área Yanomami nos provocam a pensar que uma pressão mais importante sobre o recurso pesqueiro poderiam rapidamente conduzir a sua exaustão.

Ademais, as áreas de caça usadas pelas comunidades da região são relativamente pequenas e não podem ser expandidas. Uma delas localiza-se na área fronteira entre o Brasil e a Venezuela, sendo que existem comunidades Ye'kuana e Sanuma num lugar próximo chamado de Finhakunha. Portanto, expansão para o norte parece difícil. Para o oeste, chega-se rapidamente nas terras usadas pela comunidade Ye'kuana de Auaris. Ao sul, outra área de caça usada localiza-se nas proximidades do igarapé Katutu u, na curva que o rio Auaris descreve para contornar a serra *Pilipoli tā heu*. Essa área sendo vizinha, ao sul, da comunidade de Kotaimatiu, dificilmente poderia ser expandida. Nessas condições, se as comunidades presentes por enquanto na região conseguiram abastecer-se, é pouco provável que a situação possa manter-se no caso de novas instalações, ou no caso de um crescimento demográfico importantes das aldeias presentes.

4.2.5. Bacia do rio Kotaimatiu:

Ao leste da região central de Auaris, abre-se uma ampla área que de certa forma pode ser considerada como uma ilha, por ser cercada e isolada por rios em todo o seu perímetro. Com efeito, depois da confluência com os rios Walopiu e Õkopiu, o rio Auaris muda o seu curso do leste para o norte e começa a descrever uma ampla curva para contornar uma área de serras. Essa fica isolada e cercada de três lados pelo rio Auaris, sendo também "ilhada" ao sul-oeste pelo rio Õkopiu e ao sul-leste pelo rio *Anokoi putu*. A região é drenada em grande parte pelo rio Kotaimatiu, que deu o seu nome ao conjunto, e pelos seus afluentes.

Apesar de isolada (é preciso mais de três dias a pé para chegar até o centro dela vindo da pista da Auaris), essa região não é completamente deserta. Uma comunidade já se instalou à beira do Kotaimatiu, e uma parte da comunidade de Auaris estaria a ponto de se mudar também num local próximo.

Vários fatores explicam a atração exercida pela região de Kotaimatiu. A primeira, e sem dúvida a mais importante, é que ela aparenta ser rica em caça,

conforme relataram não somente as lideranças de Auaris envolvidas no projeto de mudança, mas também lideranças de comunidades próximas, como as de Kolulu, que já têm caminhos de caça dentro dessa região. Em segundo lugar o rio Kotaimatiu, pelo menos na sua parte inferior, seria rico em peixes de grande porte. Em terceiro lugar, a região oferece algumas áreas planas, e ainda está coberta por floresta, não sendo, portanto difíceis de achar lugares para abrir novas roças. Finalmente, como pode ser observado no mapa apresentando os conjuntos regionais, é das quatro sub-regiões de Auaris a que está menos ocupada, sendo a comunidade de Kotaimatiu, com 39 habitantes, a única a ser instalada nela.

Os problemas da região de Kotaimatiu são relacionados com o seu afastamento. Sendo acessível unicamente por meio de caminhos estreitos e pouco transitáveis para os brancos, ela ficou por enquanto fora de alcance da assistência de saúde ou do processo escolar. Conforme se verá na parte final desse relatório, uma das propostas da equipe do diagnóstico seria justamente de dar condições para melhores comunicações com a pista de Auaris, na medida em que essa região poderia receber outras comunidades por enquanto localizadas perto da área central, e assim permitir de aliviar a pressão demográfica nas outras áreas.

4.3. Atração da população Sanuma da Venezuela para Auaris

Desde 2002, a antropóloga levanta informações sobre a relação dos Sanuma de Auaris com os Sanuma, Samatali e Ye'kuana venezuelanos. De acordo com um levantamento prévio, subindo o rio *Asikamatu* (Auaris), indo pelo caminho depois da comunidade Kulapoipu, estão localizadas as comunidades Sanuma e Ye'kuana de Wahunaia e dos Silawö töpö e a comunidade Ye'kuana dos Katawa töpö.

Atahamanha - comunidade Sanuma - e Yanatunha - comunidade Sanuma e Ye'kuana - são acessadas pelo Hasatau. Já Trakonha e Fetekunha – comunidades Ye'kuana - são acessadas depois da comunidade Ye'kuana de Finhakunha bem próxima à fronteira do lado venezuelano.

Outras informações foram obtidas também através de entrevistas com venezuelanos visitantes de Auaris.

Em Yahanama foi relatado que tem escola, “dada” pelo alcade de Porto Ayacucho. Em 2005 os missionários que trabalhavam na região foram embora abandonando 3 “casas de lata”. Tem posto de saúde, mas o agente de saúde Sanuma não anda pelas comunidades atendendo as pessoas. Não tem microscopista e só alguns remédios como analgésicos. Não tem outros remédios. Em Hatuti (Hwaruri), comunidade bem distante de Auaris, tem educação e saúde não. Em Takamari, comunidade de cerca de 10 casas, vão buscar assistência em Yahanama devido à pequena distância. Mas chegam lá e não conseguem se curar de todas as doenças.

Existem vários caminhos utilizados do Alto Padamo, do Alto Metacuni e Cuntinamo para Auaris. Segundo os Sanuma de Auaris, demora-se cerca de 7 dias para se chegar em Yahanama e Buena Vista na Venezuela, tendo que pousar em várias comunidades durante a viagem. Outro local de visita dos Sanuma de Auaris é La Esmeralda, acessada apenas por rio de Yahanama ou Buena Vista. Um outro caminho também utilizado é o que vai para a aldeia dos Mitiwali, indo por Finhakunha e a outra comunidade mista Ye'kuana e Sanuma chamada Carasocatunha. Todas essas comunidades mantêm fortes relações culturais e comerciais com os Sanuma de Auaris e o fluxo de Sanuma e Yanomami (Xamatari) é constante.

Já Auaris, recebe os Sanuma do Alto Caura (Estado Bolívar) buscando principalmente os serviços de saúde “motivo que ha sido causa de preocupación durante los últimos años tanto para las autoridades sanitarias Brasileiras como para los Sanema de Auaris” (Kelly, 2008: 48). Existem algumas aldeias que sempre buscam saúde no Brasil: Buena Vista, Kôiamo, Yahanama, Takamari, Makanã, Marima e Wasareko. A ineficiência do sistema de saúde da Venezuela, nesse caso específico, a assistência às comunidades do rio Caura tem sido um dos principais motivadores para esses deslocamentos trans-fronteiriços.

Estima-se que entre os anos 2000 e 2004 aproximadamente 70% dos Yanomami estavam fora da cobertura do sistema de saúde nacional (Kelly, 2008: 32). As comunidades sem dados e não incluídas no censo da Venezuela,

conseqüentemente fora da cobertura do sistema de saúde são as do Alto Siapa, Chalbaud-Haximú, Alto Metacuni, Cuntinamo e Ocamo (Kelly, 2008 e Botto, 2008). Com o aumento da cobertura, a população desassistida diminuiu em 40-45%. Além disso, somente em 2007 se iniciou um programa de formação de agentes indígenas de saúde enquanto no Brasil essas experiências são muito mais antigas.

Segundo Botto “la masacre de indígenas Yanomami de Haximú, ocurrida el 17 de Agosto del año 1993, donde murieron unos 40 indígenas de forma violenta, a manos de buscadores de oro, puso en evidencia la falta de presencia del estado venezolano en esta área de la frontera con Brasil y la falta de un sistema de salud funcionando en estas regiones” (Botto, 2008: 1). “Muchas de las regiones mencionadas representan áreas problema en la frontera con Brasil, de muy difícil acceso para el sistema de salud venezolano y de escasa o nula presencia del estado venezolano, donde se presume la existencia de comunidades yanomami con graves problemas de salud (como malaria, oncocercosis y hepatitis). Igualmente del lado brasilero, estas áreas alejadas de los polos base son de acceso difícil para el sistema de salud de Brasil y existe permanente intercambio entre comunidades de Venezuela y Brasil, lo que hace difícil el registro y control de las enfermedades transmisibles” (Botto, 2008: 4).

5. Situação sócio-sanitária e educacional:

5.1 - Situação de Saúde:

Por ser uma região muito populosa, os problemas de saúde são ainda mais agravados. São diagnosticados casos de tuberculose em Auaris. Porém, os dados não puderam ser obtidos devido à situação de instabilidade vivida pelo Distrito Sanitário Yanomami.

5.1.1. Malária:

Durante uma ação de saúde realizada em 1991 por uma equipe multidisciplinar - composta por Alcida Rita Ramos, antropóloga da Universidade de Brasília, a serviço da Fundação Nacional de Saúde para atuar no Projeto Saúde Yanomami; Yvone Menegola, médica; funcionários de Entomologia e agente de saúde pública da SUCAM em Boa Vista; microscopista e enfermeira da *Médecins du Monde* (Médicos do Mundo) – foi verificado um surto de malária em Auaris.

Segundo o relato de Ramos, “nos meses de março e abril de 1991, o Alto Auaris, área Yanomami em Roraima que, por estar na periferia da atividade garimpeira, fora até então considerada de baixo risco quanto à infestação de malária, foi palco de uma das mais violentas crises de saúde registradas no território Yanomami (...). No período de 20 dias, de 27 de março a 15 de abril, foram registrados 151 casos de malária em 133 pessoas, num assombroso percentual de 114%!” (Ramos, 1991: 10). Entre 5 de fevereiro e 15 de abril 20 pessoas morreram de malária.

Abaixo está reproduzida uma tabela com os dados de incidência de Malária em Auaris entre 19 de março e 15 de abril de 1991.

INCIDÊNCIA DE MALÁRIA EM AUARIS
19 de março-15 de abril de 1991

	<u>FALCIP.</u>	<u>VIVAX</u>	MISTA	TOTAL POSITIVO	POP.
SANUMÁ	42	22	7	71	237
	52%	31%	10%	30%	
MAIOGONG	34	16	1	51	147
	67%	31%	2%	35%	

De acordo com os dados da Funasa, no primeiro semestre, foram examinadas 1.440 lâminas. Em janeiro, um número expressivo de lâminas (1.216) foi examinado no início do ano, em janeiro. No segundo semestre,

foram examinadas apenas 46 lâminas. Não foi registrado nenhum caso de malária.

LÂMINAS EXAMINADAS E POSITIVAS 2006

PO P.	1º SEMESTRE					2º SEMESTRE					ANUAL					IEAS	ILP	%FAL C.	IPA
	EXA M	PO S	F	V	F+	EXA M	PO S	F	V	F+	EXA M	PO S	F	V	F+				
220																674,2	0,0	#DIV/0	0,0
4	1440	0	0	0	0	46	0	0	0	0	1486	0	0	0	0	3	0	!	0

Já em 2007, no primeiro semestre, foram examinadas 2.634 lâminas e no segundo, 234. Nos meses de abril e maio, respectivamente, foram registrados 1 e 7 casos de malária Vivax, totalizando 8 casos no ano de 2007. Geralmente a malária chega em Auaris através dos Sanuma, Yanomami e Ye'kuana venezuelanos que sempre visita a região. É comum também que os habitantes de Auaris tragam malária da Venezuela.

LÂMINAS EXAMINADAS E POSITIVAS 2007

PO P.	1º SEMESTRE					2º SEMESTRE					ANUAL					IEAS	ILP	%FAL C.	IP A
	EXA M	PO S	F	V	F+	EXA M	PO S	F	V	F+	EXA M	PO S	F	V	F+				
232																1231,9	0,2		3,4
8	2634	8	0	8	0	234	0	0	0	0	2868	8	0	8	0	6	8	0,00	4

5.1.2 - Suicídios:

Atualmente, o suicídio também é um problema que preocupa bastante os Sanuma e Ye'kuana de Auaris. Os casos de suicídios aumentaram entre os Sanuma concomitante ao aumento de ingestão de bebida alcoólica (o "caxiri").

É um problema muito recente para os Sanuma. Os suicídios já vinham ocorrendo entre os Ye'kuana há alguns anos. Praticam o suicídio principalmente com a ingestão da raiz de uma espécie de timbó ou por enforcamento. Essa espécie de timbó foi trazida das terras do povo Pemon da Venezuela. É uma espécie extremamente nociva. Segundo eles, esse timbó mata jacarés, cobras e peixes de grande porte. Com a ingestão da raiz desse timbó pelos humanos, geralmente se sobrevive por pouco tempo (cerca de uma hora). Esse timbó existe em abundância nas roças dos Ye'kuana localizadas próximas à pista de pouso e na parte mais populosa da região.

Em 2004, houve um caso de suicídio. No mês de agosto de 2005, houve dois casos e no mês de setembro, mais um caso. Em 2006, mais um jovem cometeu suicídio. As tentativas de suicídio são constantes e é um problema que atinge principalmente os jovens. Em 2007, três Sanuma cometeram suicídio.

5.2. Atividades educacionais:

5.2.1. Sanuma: Escolas interrompidas:

As atividades em educação tiveram início em 1970, com os missionários da MEVA. Essas atividades tinham como objetivo principal a evangelização. Em mais de vinte anos de atuação em Auaris, os resultados da escolarização eram, no início da década de 1990, negligíveis, embora fosse evidente que alguns jovens Sanuma haviam adquirido uma base rudimentar de leitura e escrita na própria língua.

As epidemias de malária que fustigaram os Sanumá nos anos 1990 foram a principal motivação para que fosse construído um posto de saúde, incluindo um pequeno hospital em Auaris. Para agilizar o trabalho de detecção e tratamento da malária, a Urihi-Saúde Yanomami, ONG criada para executar os serviços médicos entre os Yanomami com verbas do Ministério da Saúde, iniciou em 1999 cursos de capacitação de microscopistas indígenas, capazes de coletar e ler lâminas em suas próprias

aldeias. Essa experiência foi muito bem sucedida e, no prazo de quatro meses, onze jovens Sanuma estavam aptos para exercer oficialmente aquelas tarefas.

Controlada a malária, a Urihi iniciou em 2000 um projeto de educação em Auaris que pudesse dar um treinamento mais amplo aos Sanuma e possibilitasse a formação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS). Assim sendo, foram criadas seis escolas na região de Auaris, com 12 professores e cerca de 400 alunos.

Esse processo de escolarização foi subitamente interrompido com a mudança de governo, em 2004, levando ao encerramento das atividades da Urihi na Terra Indígena Yanomami e à sua substituição por funcionários da Funasa que não levaram a diante o projeto das escolas iniciado por aquela ONG e as escolas foram paralisadas.

Os Sanuma buscaram apoio da CCPY e em 2005, a organização foi convidada a trabalhar na região, o que possibilitou que alguns professores também pudessem continuar sua formação, participando dos cursos oferecidos de acordo com o Projeto “Yarapiari” de Formação de Professores Yanomami. A CCPY iniciou no ano de 2008 com uma nova turma de formação de professores e, em fevereiro, o primeiro curso já foi realizado em Auaris.

A CCPY também apóia as escolas Sanuma no envio de material escolar para a região. Atualmente a rede escolar Sanuma é composta de 26 professores em formação, 303 alunos e 6 escolas. Possivelmente novas escolas serão criadas, pois a demanda é cada vez mais crescente.

Em 2003, três escolas foram cadastradas no censo escolar do INEP e, somente em maio de 2005, através do Decreto n^o 7.973-e de 30 de maio de 2007 do estado de Roraima, 24 escolas Yanomami se tornaram escolas estaduais, entre elas três escolas Sanuma - “Escola Estadual Indígena Öpasai”, localizada em Kolulu; “Escola Estadual Indígena Honama”, em Katonau e “Escola Estadual Indígena Helepo”, em Auaris.

Em 2007, uma turma de 6 professores participou do processo seletivo promovido pela Secretaria de Educação e Desporto de Roraima e foram contratados, recebendo um pouco mais de R\$ 800,00 por mês. Em 2008, os mesmos professores participam novamente do processo seletivo no intuito de serem contratados. No entanto, a demanda pela contratação de professores é muito maior do que a atual.

5.2.2. Ye'kuana e a luta antiga pela Educação¹³:

Nas décadas de 50 e 60, a Misión Nuevas Tribus na Venezuela já havia introduzido a alfabetização para o povo Ye'kuana para que facilitasse no processo de tradução dos hinos e cânticos evangélicos e a Bíblia e conseqüentemente a evangelização. Na década de 60 um jovem Ye'kuana chamado Tomé Luiz Rocha voltou da Venezuela alfabetizado e trouxe consigo algumas cartilhas Ye'kuana. Em 1978 começou a alfabetizar os adolescentes e em 1981, Tomé retorna novamente na comunidade **Fayaku'jänha** Auaris e recomeça outra vez com outra turma nova.

Em julho de 1983, a professora Jandyra Dominoni, missionária da Missão Evangélica da Amazônia (MEVA), que já havia trabalhado no Estado de Santa Catarina e nas comunidades Indígenas entre o Povo Kaiowa no Estado de Mato Grosso do Sul, visitou a comunidade pela primeira vez em Auaris. Em novembro de mil novecentos e oitenta e três (1983) a professora Jandyra decidiu ir morar na comunidade **Fayaku'jänha**. Ela começou a ensinar português “porque, falar, dialogar e expressar em português era fundamental naquela época. Pois, as idéias de alguns pais de jovens se priorizavam de aprender seus filhos cada vez mais de português para que eles possam assumir como futuros responsáveis da sua comunidade e do seu povo (...) desde muito tempo, que seus pais e seus avôs comercializavam e vendiam seus produtos para cidade de Boa Vista e nas outras cidades com aos não-

¹³ Esse texto foi adaptado do trabalho de conclusão de curso de Licenciatura Intercultural do Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena (UFRR), de Reinaldo Wadeyuna Luiz Rocha, escrito em 2008, intitulado *Atualização da Política Escolar para Povo Ye'kuana*.

índios, que muitas das vezes era barateado e com muito difíceis para dialogar melhor com não-índios, tanto no atendimento da saúde nos hospitais e quanto na hora de fazer compra nos comerciais da cidade. Porque entendia um pouco de português e acabavam perdendo e sempre enganados pelos não-índios” (Rocha, 2008).

Mas ela “também ensinava e falava sobre Jesus Cristo de Deus. Isso se realizava na escola antes de começar a aula uma vez por semana com duração de meia hora e também ela promovia o culto no dia de domingo, junto com os que gostavam de assistir o culto, com ajuda com alguns dos professores Ye’kuana na própria casa” (Rocha, 2008).

“Em 1984 a escola se torna a Escola de Primeiro Grau e começa a funcionar como seriada e regular na região de Auaris com o nome de Tancredo Neves, funcionando vinculada por duas escolas do capital de Boa Vista - a primeira a Escola de Primeiro Grau Boas Novas e a segunda foi a Escola de Primeiro Grau Rei Salomão, totalizando com aproximadamente 15 alunos de 1ª à 4ª séries” (Rocha, 2008).

“Nos anos de 1987 e 1988, após das conclusões das primeiras turmas de 4ª séries, os alunos começaram a estudar na cidade de Boa Vista para que pudessem concluir os seus estudos de Primeiro Grau. Depois de concluírem alguns voltaram na sua comunidade de origem para trabalhar na sala de aula como assistente e estagiário” (Rocha, 2008).

“A partir do ano 1990 a escola do povo Ye’kuana avança cada vez mais e os números de alunos começa a dobrar a cada ano. E no outro ano seguinte o professor Henrique Ye’kuana que tinha concluído o curso fundamental completo em supletivo na cidade de Boa Vista que chega à comunidade e se inicia imediato trabalhar na sala de aula como voluntário com uma turma própria. Logo depois ele foi convocado pelo Núcleo de Educação Indígena – NEI, para ser contratado pela Secretaria de Educação Cultura e Desportos (SECD) e já tinha escolhido o nome da escola pela comunidade ou mudado o nome como a Escola de Grau Apolinário Gimenes (...). Quando o professor Henrique foi contratado a escola ficou reconhecida pela Secretaria de

Educação, Cultura e Desportos como o ensino de Primeiro Grau Regular (primeira à quarta séries). Quase no fim de 1992 chega outro jovem que também tinha concluído o ensino de Primeiro Grau completo Regular, na Escola Monteiro Lobato e foi experimentado também na sala de aula em durante um ano e cinco meses, como professor voluntário” (Rocha, 2008).

“Quando foram abertas as inscrições do primeiro Magistério Parcelado Indígena de Roraima dois professores Ye’kuana aproveitaram e se inscreveram imediato para em busca de melhoria condições de ensino-aprendizagem e todos os dois conseguiram concluir seus cursos dentro de um ano e meio (...). A partir de 1995 até 1997, entraram mais jovens Ye’kuana os que vinham lecionando na sua própria comunidade e em seguida eles cursaram também no Magistério Parcelado Indígena e todos concluíram dos seus cursos” (Rocha, 2008).

“O curso Magistério Parcelado para aos professores indígenas se realizava nos períodos de férias: janeiro/fevereiro e julho/agosto (...) e muitas vezes demoravam os cursistas para chegar à sua comunidade de origem, por motivo de muita dificuldade de acesso e ficava esperando oportunidade e tentado conseguir uma carona, vô da FUNASA que atende a saúde indígena naquela região e vô do exército da 5º pelotão de Auaris” (Rocha, 2008).

“Com passar de tempo, a maioria dos pais de alunos reivindicava que a escola implantasse e funcionasse o ensino Fundamental completo, porque com 04 professores Indígenas Ye’kuana praticamente eram quase todos formados no Magistério naquela ocasião e a comunidade avaliava que era suficiente para começar e dar as aulas de 5ª a 8ª séries e foi conseguido justamente no ano de 2000” (Rocha, 2008).

Atualmente a Escola Estadual Indígena Apolinário Gimenez funciona regularmente com o ensino da educação infantil e o ensino fundamental completo regular de primeira à oitava séries. Cada uma dessas séries possui as suas próprias turmas com professores diferentes. Em 2007, foi formada a 5ª turma do Ensino Fundamental. Nas outras aldeias de Auaris Pedra Branca

(*Tajãdedatonha*) e *Taku'nemõnha* não possuem escola. Já em Waikás a escola funciona desde o Ensino Infantil até a quarta série.



Foto 10: alunos do ensino fundamental da Escola Estadual Indígena Apolinário Gimenez (foto *Clarisse do Carmo Jabur*).

Cinco professores conseguiram seus contratos temporários e três deles estão fazendo o curso do Projeto Magistério Indígena “Tamî’kan” que foi aprovado em 2005 (...). “Os novos corpos docentes atuantes são todos os ex-alunos que concluíram o ensino fundamental dentro da sua própria comunidade, ou seja, os frutos da Escola Estadual Indígena Apolinário Gimenez que hoje quase todos são remunerados como os quadros temporários pela Secretaria de Educação, Cultura e Desportos - SECD e os corpos docentes mais antigos que também todos são os quadros efetivos (concurados) também remunerados por esta Secretaria que todos eles se representam hoje 100% professores indígenas Ye’kuana que atuam em suas próprias comunidades de origens (...). Os quadros efetivos estão em fase de

formação em nível superior da Universidade Federal de Roraima – UFRR da Formação Superior Indígena no Núcleo Insikiran” (Rocha, 2008).



Foto 11: alunos e professores da escola estadual indígena Apolinário Gimenez cantando o Hino Nacional Brasileiro durante visita de professores Yanomami (foto *Clarisse do Carmo Jabur*).

6 – Problemas diagnosticados:

Desde muito tempo que a região de Auaris é vista como uma área de ocupação longa e intensa. Podemos comprovar pelos relatos de Ramos em 1991. “A caça está sensivelmente mais rarefeita do que há 20 anos atrás, não se vendo mais anta, caititu, queixada, macacos e outros animais de caça tradicionais na dieta indígena. As roças novas são feitas em capoeiras ou em floresta a grande distância da aldeia, levando famílias inteiras a se mudar na época do plantio” (Ramos, 1991: 21).

A equipe do diagnóstico, levando em consideração as informações colhidas durante as entrevistas e observações em campo, diagnosticou três problemas principais, problemas esses gerados há muito tempo que se intensificaram com o passar dos anos: falta de terras para plantio, escassez de caça e dificuldades de mudança, as quais serão descritas abaixo.

6.1 – Falta de terras para plantio:

As comunidades Yanomami e Ye'kuana mais próximas da pista (“área central) hoje enfrentam muita dificuldade para achar terras oferecendo boas condições para plantar, as áreas de floresta primária sendo cada vez mais afastadas. Se a mandioca parece crescer ainda nas áreas de capoeira próximas à pista (que já foram derrubadas e plantadas várias vezes), embora de maneira mais lenta do que em áreas de floresta, outros cultivos, especialmente a banana, não conseguem adaptar-se, desequilibrando a dieta das comunidades locais. O problema parece atingir mais os Yanomami da comunidade Auaris e Katonau, enquanto os Ye'kuana podem contar com áreas de floresta mais próximas ao norte, na margem esquerda do rio Auaris. Hoje, como a equipe do diagnóstico pôde verificar em campo, as famílias das aldeias de Auaris e de Katonau utilizam áreas bem distantes, localizadas a beira dos igarapés Mato u e Pekoro u para abrir novas roças.

A questão do afastamento das roças é menos problemática para as comunidades que já se afastaram um pouco da pista, tais como Kulapoipu ou Matooula. Ela atinge, no entanto também, embora em nível menor, a comunidade de Mauxinha, pelas mesmas razões do que as comunidades situadas próximo à pista de Auaris, pois essa comunidade está instalada na mesma área há várias décadas e já explorou todas as florestas mais próximas.

Anota-se aqui que, fora as comunidades de Auaris e Katonau, todas as comunidades visitadas pela equipe do diagnóstico podem contar com roças diversificadas correspondentes aos padrões da agricultura Yanomami. Só

Auaris e Katonau realmente aparentam ter problemas para manter roças diversificadas no contexto geográfico que estão inseridas.



Foto 12: área de roça invadida pelas samambaias na área central da região de Auaris. (foto François Michel Le Tourneau).

6.2 – Escassez de caça:

Outro problema sério ligado à antigüidade da presença permanente na região de Auaris diz respeito às áreas de caça. É uma queixa universal a dificuldade de achar caça nos percursos cotidianos, sendo aparentemente a produtividade dessa atividade muito fraca, os Yanomami e até os Ye'kuana tendo que utilizar-se de outros recursos como cobras, insetos e minhocas¹⁴.

¹⁴ As minhocas não são alimentos tradicionais dos Yanomami.



Foto 13: preparação de minhocas coletadas na floresta, comunidade de Kolulu (foto *François Michel Le Tourneau*)

Essa dificuldade é também ligada à configuração geográfica da região de Auaris. Como pode ser visto no mapa 04, a maior parte da área localizada ao sul do vale do rio Auaris é composta de terras altas (mais de 1000 metros de altitude), onde a caça de grande porte é muito rara, a vegetação da floresta muitas vezes cedendo o lugar para savanas. Os itinerários de caça cotidiana são na sua maioria, ora restritos às colinas mais próximas, ao sul, ora localizados na margem esquerda do rio Auaris, ao norte, a proximidade da aldeia Ye'kuana. Deve-se acrescentar que o uso de espingardas para a caça é muito comum e antigo na região de Auaris, o que certamente deve ter acrescentado mais a pressão sobre os recursos disponíveis.

Da mesma forma que a caça cotidiana exige grandes esforços para pouco retorno, as caçadas coletivas também enfrentam problemas em relação à sua produtividade. As áreas usadas também são cada vez mais afastadas, uma vez que as áreas mais propícias próximas foram exaustas. Verificamos em campo que as duas áreas usadas hoje localizam-se aproximadamente a 20 km de distância em linha reta da sede da comunidade de Auaris, o que representa uma caminhada difícil pois é preciso passar a linha de crista

dividindo o território brasileiro do território venezuelano (mais ou menos 1000 metros de altitude) e pois toda área em questão é composta de colinas *escarpées*. Ressalta-se que essas expedições de caça são normalmente realizadas em conjunto pelas famílias, e que os caçadores voltam com cargas muito pesadas para a maloca, o que torna essa distância muito penalizante.

Tanto a escassez de terra para plantar (ou o afastamento das áreas propícias) quanto o afastamento cada vez maior das áreas de caça são problemas comuns para as aldeias Yanoamami. O que torna muito específico o caso da área central de Auaris (e especialmente das comunidades de Auaris e Katonau) é a dificuldade de usar os meios tradicionais para resolver o problema. Qualquer mudança está dificultada por vários fatores, um sendo o afastamento das estruturas dos *setãnapõ tōpõ* que isso implicaria, o outro a dificuldade de achar lugares relativamente próximos que não sejam ocupados, um terceiro sendo a complexa relação entre os Sanuma e os Ye'kuana.

6.3 - Dificuldade das mudanças:

Três fatores dificultam as mudanças. Em primeiro lugar, é lógico que qualquer mudança longe da pista resultaria em maiores dificuldades no atendimento de saúde (uma queixa muito comum nas comunidades que são um pouco mais longe) e numa perda da facilidade de acesso aos bens de consumo que a presença do posto e a do pelotão propiciam. Também é muito provável que a mudança por parte das comunidades que hoje ocupam os arredores da pista provavelmente iria significar uma aproximação de outras, que buscarão a ocupar o vazio assim criado, e que irão tentar estabelecer um monopólio similar sobre os bens de troca. Portanto, uma possível mudança seria altamente arriscada, nos planos da saúde e da situação material.

O segundo fator provém da geografia, assim como descrevemos no item 2.2 “o Contexto geográfico da região de Auaris”. O vale do rio Auaris encaixa-se profundamente num relevo muito dobrado, onde localizam-se várias áreas cuja altitude é superior a 1000 metros e são considerados pelos Yanomami

muito inóspitos, pela baixa temperatura à noite e pela raridade da caça. Assim sendo, as áreas que podem ser ocupadas são muito restritas. Na situação atual, observa-se que a maioria dessas áreas já encontra ocupada por comunidades Sanuma ou pelos Ye'kuana. Na parte das propostas desse relatório, comentaremos a possibilidade de mudança de parte da comunidade de Auaris, que escolheu em função de todos esses fatores um lugar bastante afastado.

O terceiro fator que dificulta as mudanças de comunidades diz respeito a relação entre os Ye'kuana e os Sanuma. Os primeiros consideram-se como os primeiros ocupantes da região de Auaris, na qual identificam muitos vestígios da sua presença passada. Frente à aproximação dos Sanuma, eles identificaram algumas áreas que consideram como próprias, e nas quais eles não aceitam a presença da outra etnia.

Essas áreas foram codificadas na forma de um mapa, realizado com a ajuda de um projeto do PDPI. Assim sendo, as aldeias Sanuma não podem planejar deslocamentos para uma parte da margem direita do rio Auaris, onde os Ye'kuana costumam instalar as suas roças, e também na parte superior do vale, acima da cachoeira de Pedra Branca. Não é muito claro se a proibição só vale para as instalações permanentes ou se ela também constitui uma interdição de percurso e de caça. Mas o fato é que esse fator dificulta ainda mais as estratégias dos Sanuma.

Um exemplo da efetividade da proibição dos Ye'kuana parece ser, segundo relatos colhidos em campo, o fracasso de uma tentativa da comunidade de Mauxinha para deslocar-se rio acima, aproximando-se da pista de Auaris. Tal movimento fazia sentido na medida em que permitia aos habitantes de Mauxinha de se aproximarem das áreas onde estavam abrindo novas roças, mas ao mesmo tempo os aproximava bastante da área onde os Ye'kuana colocam as suas roças. Finalmente, o movimento foi vetado terminadamente pelos Ye'kuana.

6.4 - Problemas apontados pelas populações locais:

Durante as reuniões locais, essas questões foram amplamente discutidas. Em 9 de dezembro a reunião foi realizada em Kolulu, mas com a participação de Sanuma de várias aldeias – Katimani, Wakahakune, Kāsanapiu, Hokolasimu, Ōkopiū e Momoipu. Apontaram os principais problemas: a terra está fraca, alguns pés de maniva crescem enquanto outros não. Há também o problema da falta de ferramentas, o que impossibilitaria os Sanuma de derrubarem roças maiores com mais rapidez. A palha de bacaba fica longe e espalhada, por isso o telhado das casas está constantemente ruim ou outro material é colocado no lugar das palhas.





Foto 14: Diferentes construções Sanuma (foto *Clarisse do Carmo Jabur*).

Nas entrevistas com os Sanuma, ficou claro que eles têm interesse por outros tipos de alimento. Segundo Mateus Sanuma, 2º Secretário da Hutukara Associação Yanomami e morador de Olomai, faltam outros tipos de culturas.

Disse que não possuem muitas sementes e que gostariam de diversificar a produção das roças com milho, jerimum, melancia, feijão, mamão, melancia. Afirmou que já tentou plantar arroz e feijão no Mauxinha e obteve êxito. Os missionários trouxeram algumas sementes e plantaram frutíferas como limão, laranja, jambo, goiaba e manga.

No entanto, inúmeras tentativas de plantio falharam, segundo ele, por falta de conhecimento dos Sanuma em manejar tipos exógenos de alimentos. Além disso, o clima e o tipo de solo não são ideais para algumas frutíferas. Por exemplo, os Sanuma relatam que as mangueiras e os coqueiros crescem, mas não dão frutos. Já a laranja se adaptou bem no Polapiu, Mauxinha, Auaris e na aldeia Ye'kuana.

Outro problema detectado é que segundo Ademir Silva mais conhecido como "Mimica", missionário da MEVA que vive há décadas na região, os Sanuma não esperam o tempo necessário de "descanso" entre uma roça e outra pela falta de outras terras produtivas próximas.

No dia 11 de dezembro foi a vez da aldeia Ye'kuana. A reunião ocorreu na Escola Estadual Indígena Apolinário Gimenez, onde participaram alunos, professores e lideranças tradicionais. Hoje os mais velhos dizem que, as roças antigamente eram bem maiores. As roças localizadas em áreas de floresta, mais adequadas para plantar bananas estão ficando cada vez mais escassas e mais distantes. Um dos poucos locais que sobraram é no caminho da usina, indo na direção de Takunemoinha. A aldeia Pedra Branca, distante da pista, não apresenta esse problema. Marco Antônio Ye'kuana avalia que 70 % das roças estão localizadas em áreas de floresta e 30 % em capoeiras. Segundo eles, o espaço vazio na floresta está ficando cada vez mais longe.

Os locais de roça são separados dos Sanuma e hoje os Ye'kuana fazem as roças pequenas. Segundo eles, há falta de espaço para fazer roças grandes. Os produtos da roça são trazidos à pé ou de canoa, no caso das roças mais distantes ou das localizadas na outra margem do rio.

Em Auaris também se observa a escassez de palha. Não tem açazeiros nem ubinzeiros, apenas bacabeiras, mesmo assim muito distantes. Para

resolver o problema da escassez de palha, os Ye'kuana começaram a cobrir as casas com cavacos de cedro e com telhas, principalmente. Esse modelo de construção foi visto na Venezuela e na cidade de Boa Vista. Segundo eles, agüenta cerca de 20 anos, mais que a palha. É fresco igual à palha, mas aglomera muitos morcegos. Também acusam os Sanuma de derrubarem as palmeiras pequenas por necessidade, diminuindo ainda mais a quantidade de palha.

Eles também apontam a escassez de madeira como um dos problemas, atribuindo ao uso que os brancos fizeram no passado na construção de suas instalações como uma das causas. “Os brancos, principalmente os soldados, quando construíram suas instalações, ‘roubaram’ muitas árvores de cedro da nossa floresta, pois pegaram sem a nossa permissão. Deveriam ter trazido as tábuas da cidade”.

7 - Conclusões e Recomendações:

A CCPY, por meio do “Projeto Gestão Territorial Yanomami” propõe-se em apoiar os Sanuma e os Ye'kuana de três maneiras diferentes: apoiar mudanças de algumas comunidades, intensivar a produção de proteínas animais pela implantação de projetos de piscicultura e propiciar um adensamento das roças em espécies frutíferas, que possam ser fontes de recursos alimentares a longo prazo.

Essas soluções serão aplicadas diferentemente em função das diversas áreas geográficas. Na área central, o nosso diagnóstico apontou por problemas ligados à elevada pressão demográfica e ao tempo de permanência na área de várias comunidades. Portanto, as três soluções podem ser aplicadas ao mesmo tempo, o apoio à mudança sendo necessário para aliviar a pressão demográfica e as outras soluções permitindo melhorar as condições de vida das comunidades remanescentes, já que a presença da pista e do quartel do 5º Pelotão Especial de Fronteira impedem o esvaziamento total da área.

Na região dos rios Walopiu e Õkopi, as comunidades se movimentam sem dificuldades, não sendo necessário por enquanto apoiar mudanças. Mas a escassez de caça é preocupante, e os rios não oferecem alternativa. A implantação de projetos de piscicultura nas comunidades que o desejarem parece, portanto, oferecer boas perspectivas para melhorar a situação local, assim como o enriquecimento das roças com novas espécies de frutíferas.

Nas regiões de Kotaimatiu ou do vale do rio Auaris abaixo de Polapiu, existem peixes de grande porte, não sendo, portanto, interessante a implantação de projetos de piscicultura. Também não se registra escassez de terra que impunha de favorecer deslocamentos. No entanto, o adensamento das roças com novas espécies de frutíferas poderia ajudar a melhorar a dieta alimentar das populações residentes.

7.1 - Apoiar a mudança de comunidades Sanuma da região central:

Esse local, por ser pouco habitado, tem “terra nova” e abundância de recursos naturais. Chileno Sanuma, idealizador da mudança, relatou que há muitos animais de caça como queixadas, pacas, veados, antas e mutuns e peixes de médio porte como matrinchãs (*tuta a*).

É importante enfatizar que essa idéia já havia sido pensada antes do diagnóstico ocorrer. Chileno, Sanuma líder de uma comunidade de cerca de 100 pessoas mora na beira da pista, bem próximo ao batalhão do Exército. Observando todos os problemas, há muito tempo pensa em se mudar. Para isso, já realizou várias reuniões dentro de sua comunidade sobre essa possibilidade. O projeto sempre esbarrou no receio que a nova comunidade não poderia contar com assistência de saúde por ser o lugar de difícil acesso para os brancos.

Porém, também esbarram na falta de estrutura do local pretendido, principalmente com relação ao atendimento de educação e saúde. Alguns Ye'kuana nos relataram que os alunos que se mudarem provavelmente ficarão

sem escola. Contaram que os alunos que se mudaram para o Waikas vêm para Auaris no período escolar e só retornam nas férias. Mesmo assim, outros Ye'kuana ainda pretendem se mudar para uma região próxima à cachoeira do Tukuxim, no rio Parima.

Contabilizou 123 pessoas entre crianças e adultos como prováveis adeptos da mudança, também das aldeias de Katimani e Wakarakune, onde mantém vínculos familiares. As famílias que confirmaram a vontade de se mudar são relacionadas aos seguintes chefes de família: de Auaris Chileno, Milton, Natima, Cujubim, Maitena, Adão, Sardinha, Manoel, Wasi, Humami, Eber, Sopai Pepala e Jonas; de Wakarakune Samasi Poosa, Samasi; de Katimani Masiko; e de Kotaimaitiu Amisi, Negro, Manomasi e Murilo.

Como é microscopista e agente de saúde, visitou várias vezes a região do Kotaimaitiu a trabalho e já propôs a mudança para os Sanuma que moram lá atualmente. São apenas 40 pessoas e concordaram com a mudança.

Já iniciou a derrubada de duas roças, mas ainda não é suficiente para todas as pessoas que pretendem ir morar lá. É necessário, na sua opinião, a derrubada de mais roças para garantir alimento para todos. Além disso, no Kotaimaitiu não tem pista, posto de saúde, sistema de radiofonia e escola, razões que impedem a mudança.

A dependência das instalações não-indígenas na beira da pista é uma das principais razões para o sedentarismo Sanuma e Ye'kuana. O projeto apoiaria essa mudança, à princípio, fazendo um estudo sobre como seria o acesso à equipe de saúde ao local, se aéreo, terrestre ou fluvial. Sabe-se que há um rio que liga Olomai (onde já possui pista) ao Kotaimaitiu, mas não se sabe se ele é navegável com um barco grande. O projeto poderia apoiá-los com ferramentas para abrir um caminho, com pontes até o Olomai e Auaris, ou mesmo apoiar a abertura de uma nova pista, se as outras alternativas não forem possíveis. Também deveria-se pressionar a Funasa para criar um novo sub-pólo na região para se garantir um atendimento de saúde constante.

Mesmo com a mudança, o vínculo cultural e social com os Sanuma de Auaris não acabaria. Chileno afirmou que continuaria vindo para Auaris para

participar das festas tradicionais (*saponomo*), receber seu salário e participar de reuniões importantes.

Experiências como essa começam a acontecer em Auaris. Outros Sanuma e Ye'kuana já se mudaram para locais mais afastados em busca de melhores condições de vida, como Pedro Ye'kuana, líder da comunidade Sanuma de Mauzinha. Eles foram para o Olomai e aproveitaram uma antiga pista de garimpo. Já construíram uma escola e posto de saúde. Porém, ainda estão com roças novas e com escassez de produtos da roça.

Outro exemplo foi, em 2005, a mudança de 4 famílias extensas, cerca de 40 pessoas, para a região de Waikas onde vivem outros Ye'kuana em busca de melhores condições de vida. Muitos outros Ye'kuana pensam que essa é a melhor alternativa, Waikas é uma região que possuem peixes grandes e também ficam longe dos problemas como o suicídio (os Ye'kuana contabilizam 13 suicídios nos últimos anos).

Essa mudança de Chileno e de os outros, apoiada pelo projeto, talvez incentive outras mudanças. No entanto, a CCPY com essa ação, não estará de nenhuma maneira incentivando as mudanças. Elas devem ocorrer por iniciativa dos próprios Sanuma e Ye'kuana, pois há várias questões envolvidas. Muitas lideranças dizem que não pretendem se mudar, pois mantêm um vínculo muito forte com determinada área.

O projeto pretende apoiar a mudança da comunidade de Chileno por várias razões: é uma maneira de aliviar a pressão demográfica na área; será um exemplo para outras comunidades; mostraria que, com um apoio razoável, é possível os Yanomami manterem o seu sistema de deslocamentos periódicos, ao mesmo tempo esses poderiam aprender como organizar-se para que dê certo, especialmente pressionando a assistência de saúde para que acompanhe a mudança.

7.2 – Apoiar ações de piscicultura em 4 aldeias de Auaris:

A escassez de caça configura-se como um grande problema para as aldeias Sanuma, pois, num contexto cultural onde não existe nenhuma criação animal, só a caça costuma providenciar as proteínas animais. Em alguns lugares (como na região do rio Auaris abaixo de Polapiu), a pesca pode às vezes substituir parcialmente a caça, quando existem peixes de grande porte. Mas acima das linhas das cachoeiras, essa alternativa não existe mais.

Na medida em que, conforme apontamos no item anterior, é pouco provável que deslocamentos maciços venham a diminuir drasticamente a pressão sobre a caça na área central de Auaris, a maior probabilidade é que dificuldades encontradas aumentam cada vez mais. A única saída seria numa intensificação da produção de proteínas animais nas aldeias, com a finalidade de complementar ou de substituir o produto da caça. Mas tentativas de introdução de criação não foram bem sucedidas em Auaris.

Em várias áreas indígenas onde, pelas mesmas razões culturais, criação de animais tais como boi, carneiro ou cabra não teve êxito, alternativas foram desenvolvidas em torno da piscicultura, por essa ser ao mesmo tempo muito efetiva em termo de produtividade, e culturalmente compatível com a maioria das culturas, as relações que se tecem com os peixes criados não sendo a mesma daquela que se cria com animais domesticados.

No passado, tentativas de introduzir a piscicultura na região pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) falharam por vários motivos. As principais reclamações dos Sanuma e Ye'kuana são as de que não houve acompanhamento de pessoas não-indígenas especializadas para ensinar como manter os tanques.

A avaliação sobre o projeto de piscicultura feita pelos Ye'kuana relatada na reunião foi muito parecida com a dos Sanuma. Eles nos relataram que a FUNAI abandonou o projeto, não houve acompanhamento constante de um técnico. Depois de um tempo não mandaram mais ração e nem tampouco

ensinaram como deveriam produzi-la com recursos naturais da própria região¹⁵. Depois de vários e insistentes pedidos a FUNAI enviou uma forrageira para a produção de ração, mas o fornecimento de energia elétrica não foi constante.

Enfatizaram que a implantação de apenas um tanque também foi um problema. Contam que cada família pegava o peixe quando queria, quando tinha fome e ninguém fiscalizava. No passado, as famílias Ye'kuana que viviam mais próximas ao único açude, tomaram posse do tanque e dos peixes e as outras famílias ficaram "com ciúmes". Já os Sanuma, cansados de esperar alguma solução por parte da FUNAI para o fornecimento de ração para os açudes, colocaram timbó e fizeram uma pequena festa com todos os peixes do açude. Na opinião dos Ye'kuana, para que o projeto de piscicultura obtivesse êxito, seria necessária a implantação de açude associados a quatro famílias. Também seria necessário instituir uma pessoa para cuidar e controlar os açudes.

Outra estratégia já pensada é jogar alguns peixes no rio, feito já realizado pelos soldados do Exército. Certamente todas as alternativas propostas pelos Sanuma e Ye'kuana precisam de um estudo prévio por técnicos especializados.

Os Ye'kuana também acusam o uso constante do timbó por parte dos Sanuma também como responsável pela escassez de peixes no rio Auaris.

Na opinião de Reinaldo Ye'kuana, diretor da escola, todos os projetos devem ser elaborados a partir da iniciativa das comunidades. Disse que "a FUNAI jogou os projetos e não consultou ninguém. Temos que fazer muitas reuniões antes de decidir que projeto queremos. Seria bom fazer cursos de capacitação, por exemplo".

Diante de todas essas observações colhidas nas reuniões, nas entrevistas com os Sanuma e Ye'kuana, a equipe sugeriu o envio de um técnico especializado em piscicultura em comunidades indígenas para avaliar

¹⁵ Resende Sanuma relatou que já tentou alimentar os peixes com beiju, banana verde cozida e *soka*.

as condições dos tanques, do meio ambiente e as demais possibilidades para depois recomeçar o trabalho nos tanques. Ele também ouvirá as demandas dos Sanuma e os Ye'kuana e fará uma lista de materiais necessários para se retomar o trabalho de piscicultura.

Primeiro será feito esse estudo, para depois se fazer um orçamento e estudar a viabilidade do projeto. O trabalho começaria nas aldeias onde já tem tanque - Katimani, Mauxinha, Auaris e Fuduwadunha. Se os resultados forem positivos e o projeto se mostrar viável, novas tentativas poderão ser possíveis em outras comunidades interessadas.

7.3 – Apoiar o início de um processo de “adensamento” agro-florestal:

A plantação de frutíferas permite um aumento na produção alimentar a longo prazo. As árvores plantadas sendo adaptadas ao contexto florestal, elas continuam produzindo mesmo depois da capoeira brotar e fechar de novo o dossel, muito pouco (ou às vezes nenhum) cuidado sendo necessário para manter os pés produtivos por décadas. Mesmo as comunidades deslocando as aldeias para outras localizações, essas podem continuar a freqüentar as antigas moradias para coletar as frutas, assim como já fazem tradicionalmente com as pupunheiras.

O apoio é necessário para analisar o solo e o clima, e achar frutíferas adequadas (e que ao mesmo tempo agradem aos Sanuma). Também para ver as técnicas associadas a cada tipo de frutífera, para conseguir multiplicá-las, e assegurar uma boa polenização e produção de frutas.

Uma outra iniciativa de “adensamento” agro-florestal foi realizada pela CCPY na Terra Yanomami, na região do Demini, entre os anos de 1998 e 2006. Com a ajuda de um técnico, os Yanomami plantaram muitas pupunheiras e gravioleiras, entre outras frutíferas juntas nas roças e perto das casas. Esse trabalho foi exemplificado por Marcos Wesley na reunião ressaltando que em primeiro lugar deveria ser feito estudos para avaliar o potencial agro-florestal da região. Um técnico também deveria acompanhar o trabalho, ajudando os

Sanuma e Ye'kuana a indicar quais frutíferas adequadas para plantar, ensinar métodos para o plantio, etc. Marcos advertiu que enviar mudas e sementes somente é uma maneira incorreta de iniciar o trabalho. Essa ação deve começar com um estudo que, além de conhecer a situação do solo e do ambiente, apontar o interesse dos Sanuma e dos Ye'kuana.

7.4 - Apresentação dos problemas e discussão com os Sanuma e os Ye'kuana:

No dia 17 de dezembro foi realizada uma reunião final para apresentação dos trabalhos e discussão acerca das possíveis soluções dos problemas enfrentados em Auaris. Houve, como na primeira reunião, participação de representantes Sanuma de todas as aldeias e também de dois representantes Ye'kuana - Reinaldo (diretor da Escola Estadual Indígena Apolinário Gimenez) e Raimundo (liderança tradicional).

Marcos Wesley relatou como foi feito o trabalho em todas as aldeias, as metodologias empregadas e as discussões que surgiram durante as reuniões locais. A grande concentração populacional é a origem da maioria dos problemas. Com base em tudo o que foi falado, foram diagnosticados os principais problemas enfrentados atualmente pelos Sanuma e Ye'kuana de Auaris:

- Falta de terras para plantio
- Escassez de caça
- Dificuldade das mudanças

Foram discutidas também outras soluções apresentadas pelos Sanuma nas reuniões locais como a criação de porco e de galinhas, soluções vinculadas ao problema da ração para os animais. Uma liderança do Momoipu disse que, com ferramentas poderia fazer uma roça pequena para alimentar os porcos, fazer uma casa de "lata" ou um cercado de arame farpado.

Discutimos alguns problemas da criação de animais como a transmissão de doenças, o transporte dos filhotes de animais para as aldeias, primeiro de barco e depois à pé e o não êxito de outras experiências.



Foto 15: reunião final da equipe do diagnóstico com as lideranças da região de Auaris. (foto François Michel Le Tourneau)

7.5 - Cronograma das implementações e ações imediatas:

Marcos Wesley fez questão de lembrar que a CCPY não apoiará ações imediativas e não propõe soluções de curto prazo, mas propostas bem pensadas e planejadas. Portanto, esse plano de trabalho será demonstrado em um projeto que será enviado para os parceiros. Provavelmente 2008 será o ano de realização dos estudos, de planejamento, incluindo ações concretas como, por exemplo, o envio de dois técnicos.

Para não criar falsas expectativas, disse que o projeto será escrito em agosto de 2008 e se for aprovado, a Rain Forest Foundation – Noruega começa apoiar somente em janeiro de 2009. Reinaldo Ye'kuana mostrou-se entendido sobre os procedimentos utilizados pelas instituições que apóiam os projetos, já que já participou de outro projeto apoiado pela TNC.

Uma ação de 2007, também discutida nessa reunião, foi a compra de um barco e de um motor 15 para utilização dos técnicos e para os trabalhos futuros. Um Sanuma (Resende Maxiba Apiamö Sanuma) foi designado como o responsável pelo barco.

Todas as lideranças concordaram com as ações propostas pela equipe.

8 - Referências Bibliográficas:

Albert, B.

1985. *Temps du sang, temps des cendres. Représentation de la maladie, espace politique et système rituel chez les Yanomami du sud-est (Amazonie brésilienne)*. Tese de doutorado. Université Paris X, Nanterre.

1991a. *Terras Indígenas, política ambiental e geopolítica militar no desenvolvimento da Amazônia: a propósito do caso Yanomami*. In : Léna, Philippe & Adélia de Oliveira. *Amazônia : a fronteira agrícola 20 anos depois*. Belém: MPEG.

1991b. *Urihi : Terra, Economia e Saúde Yanomami*. Série Antropologia, 119. Brasília: Universidade de Brasília.

1992. *A fumaça do metal; história e representação do contato entre os Yanomami*. Anuário Antropológico, 89.

2002. *O ouro canibal e a queda da do céu. Uma crítica xamânica da economia política da natureza (Yanomami)*, pp. 239-270 in: B. Albert e A.R. Ramos (orgs.), *Pacificando o Branco. Cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo, EDUNESP.

Albert, B. e G. Goodwin Gomez.

1997. *Saúde Yanomami. Um manual etno-lingüístico*. Belém , Museu Goeldi (Coleção Eduardo Galvão).

Albert, B. & Ramos, Alcida Rita.

1976. *Yanoama Descent and Affinity: The Sanumá/Yanomam Contrasts. In Social Time and Space in lowland South America*.

Arvelo-Jimenez, Nelly.

1971. *Political relations in a tribal society: a study of the Ye'cuana indians of Venezuela*. Universidad de Cornell.

1992. *Relaciones políticas en una sociedad tribal: estudio de los Ye'cuana, indígenas del Amazonas Venezolano*. Quito : Abya-Yala ; Roma : MLAL.

Borgman, Donald.

1983. *Dicionário Sanumá*. Boa Vista, MEVA (Missão Evangélica da Amazônia).

Botto, Carlos.

2008. *Informe de actividades preliminares de diseño de un sig, verificación de coordenadas de comunidades yanomami y edicion de mapas preparado para ser presentado a la CCPY, con financiamiento parcial de RFF*. Wataniba.

Chagnon, N.A.

1968. *Yanomamö: The Fierce People*. New York, Holt, Rinehart and Winston.

Colchester, M.

1981. *Myths and legends of the Sanema*. *Antropológica*, n. 56.

1982a. *The Economy, Ecology and Ethnobiology of the Sanema Indians of Southern Venezuela*. Tese de doutorado, Oxford University.

1982b. *The cosmovision of the Venezuelan Sanema*. *Antropológica*, n. 58.

Distrito Sanitário Yanomami e Ye'kuana (DSY) – Funasa.

2006. *Lâminas examinadas e positivas por entidades*. Boa Vista :DSY–Funasa.

2007a. *Lâminas examinadas e positivas por entidades*. Boa Vista : DSY - Funasa.

2007b. *Censo da População Yanomami e Ye'kuana por pólo base, aldeia e número de casas*. Boa Vista : DSY-Funasa.

2007c. *População Yanomami por Pólo-Base e Comunidades*. Boa Vista : DSY - Funasa.

Finkers, J.

1986. *Los Yanomami y su Sistema Alimentício*. Caracas, Vicariato Apostólico de Puerto Ayacucho (Monografía 2).

Fuentes, E.

1980. *Los Yanomami y las Plantas Silvestres*, *Antropologica* 54: 3-138.

Jabur, Clarisse do Carmo.

2003. Relatório do Curso *Espaço Geográfico: Percebendo a Floresta e a Cidade*. Boa Vista: URIHI.

Milliken, W. & Albert, B.A.

1999. *Yanomami: A forest people*. Royal Botanic Garden, Edinburgh.

Migliazza, E. C.

1972. *Yanomama Grammar and Intelligibility*. Tese de doutorado, Indiana University.

Moreira-Lauriola, Elaine.

2003. *Os Ye'kuana*. Verbetes da Enciclopédia dos Povos Indígenas. Site do Instituto Sociambiental (ISA).

Ramos, Alcida Rita.

1980. *Hierarquia e simbiose: relações intertribais no Brasil*. São Paulo: Hucitec.

1984. *Categorias étnicas do pensamento Sanumá: contrastes intra e inter-étnicos*. Série Antropologia, número 45. Brasília: Universidade de Brasília.

1990. *Memórias Sanumá: espaço e tempo em uma sociedade Yanomami*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Universidade de Brasília.

1991. *Auaris revisitado*. Série antropologia do Departamento de Antropologia, 117. Brasília: Universidade de Brasília.

1995. A profecia de um boato. Série antropologia do Departamento de Antropologia, 118. Brasília: Universidade de Brasília.

Rocha, Reinaldo Wadeyuna Luiz.

2008. *Atualização da Política Escolar para Povo Ye'kuana*. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural. Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena. UFRR (no prelo).

Kelly, José Antonio.

2008. *Situación de los Yanomami y Ye'kuana en Venezuela: Derechos a la Tierra, Salud y Educación.* Informe de Wataniba para la Comissão Pró-Yanomami – CCPY.

Wilbert, J. e K. Simoneau, (orgs).

1990. *Folk Literature of the Yanomami Indians.* Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications.

9 - Índice das Ilustrações:

Mapas:

Mapa 01: pontos GPS coletados pela equipe em campo (realização *François Michel Le Tourneau*)13

Mapa 02: projeção em 3 dimensões da região de Auaris (realização *François Michel Le Tourneau*)14

Mapa 03: localização da Terra Indígena Yanomami e da região de Auaris (realização *François Michel Le Tourneau*).....15

Mapa 04: Mapa geral da região de Auaris, realizado a partir dos etnomapas de cada comunidade integrados no nosso banco de dados geográficos (realização *François Michel Le Tourneau*).....17

Mapa 05: as aldeias da região de Auaris, a sua população e a repartição em conjuntos regionais (realização *François Michel Le Tourneau*)41

Figuras:

Figura 01: extrato do banco de dados geográficos montado para o diagnóstico: o mosaico de imagens C-CBERS2 da área de Auaris, a fronteira Brasil/Venezuela e as áreas cuja altitude é superior a 1000 metros (zonas em hachuras) (realização *François Michel Le Tourneau*)9

Figura 02: etnomapa desenhado pela comunidade de Kalisi.....11

Fotos:

Foto 01: a equipe de *setānapi tōpō* do diagnóstico. Da esquerda para a direita: François Michel Le Tourneau, Clarisse Jabur e Marcos Wesley.....7

Foto 02: Marcos Wesley no barco voltando de uma reunião em Kolulu (foto *Clarisse do Carmo Jabur*)10

Foto 03: acampamento durante uma expedição para reconhecer áreas de caça coletiva (foto *François Michel Le Tourneau*)12

Foto 04: a pista de Auaris e o quartel do Exército.....21

Foto 05: Canoa Ye'kuana (foto *Clarisse do Carmo Jabur*)28

Foto 06: Ye'kuana fabricando ralo (foto *Clarisse do Carmo Jabur*)32

Foto 07: secando as pimentas para fazer jiquitaia (foto *Clarisse do Carmo Jabur*)...33

Foto 08: adorno de miçangas nos tornozelos e abaixo do joelho e colares de moças Sanuma (foto *Clarisse do Carmo Jabur*)34

Foto 09: cachoeira no rio Hutumopi u, localizado na área de caça das comunidades da área central (foto <i>François Michel Le Tourneau</i>)	44
Foto 10: alunos da escola Estadual Indígena Apolinário Gimenez (foto <i>Clarisse do Carmo Jabur</i>)	58
Foto 11: alunos e professores da escola estadual indígena Apolinário Gimenez cantando o Hino Nacional Brasileiro durante visita de professores Yanomami (foto <i>Clarisse do Carmo Jabur</i>)	59
Foto 12: área de roça invadida pelas samambaias na área central da região de Auaris. (foto <i>François Michel Le Tourneau</i>)	61
Foto 13: preparação de minhocas coletadas na floresta, comunidade de Kolulu (foto <i>François Michel Le Tourneau</i>)	62
Foto 14: Diferentes construções Sanuma (foto <i>Clarisse do Carmo Jabur</i>).....	66
Foto 15: reunião final da equipe do diagnóstico com as lideranças da região de Auaris (foto <i>François Michel Le Tourneau</i>).....	76

10 - Agradecimentos:

Agradecemos a gentil colaboração das seguintes pessoas e instituições que cederam material, informação, tempo e apoio logístico para a elaboração deste diagnóstico:

Bruce Albert (antropólogo, sócio fundador da CCPY).

Fundação Nacional do Índio – FUNAI – Antônio Mesquita Ferreira (chefe de posto Auaris).

Fundação Nacional de Saúde – Administração Regional de Roraima.

Missão Evangélica da Amazônia – MEVA – Ademir Santos Silva (Mimica).

5º Pelotão Especial de Fronteira – Auaris – Tenente Charles (comandante).